Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA GAGUEIRA: TRAJETÓRIAS DE SILENCIAMENTO E ALIENAÇÃO NA LÍNGUA

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2000

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA GAGUEIRA: TRAJETÓRIAS DE SILENCIAMENTO E ALIENAÇÃO NA LÍNGUA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Fonoaudiologia, sob orientação da Profª Drª Regina Maria Freire.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2000

COMISSÃO JULGADORA:

_____

_____

_____

SUMÁRIO

Página

INTRODUÇÃO..... 01

1º CAPÍTULO: O ESTADO DA ARTE 06

2º CAPÍTULO: UM NOVO OLHAR PARA A GAGUEIRA: O PONTO DE VISTA DISCURSIVO 22

2.1. O Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem 22

2.2. A Análise de Discurso de Linha Francesa 26

2.3. O Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem e a Análise de Discurso: o afastamento necessário 31

2.4. A articulação das duas propostas no estudo fonoaudiológico da gagueira 32

2.4.1. Sobre a origem da gagueira 32

2.4.2. Sobre o lugar da gagueira 36

2.4.3. Sobre a oposição língua e fala 38

3º CAPÍTULO: ANÁLISE DE DISCURSO: DE TEORIA A PROCEDIMENTO 42

3.1. O procedimento Análise do Discurso 45

3.2. O discurso de mães de crianças ditas gagas 47

3.2.1. Mãe de Fábio 47

3.2.2. Mãe de Júlia 49

3.2.3. Mãe de Maurício 51

3.3. Análise da propriedade dos discursos de mães 53

3.4. O discurso dos sujeitos com gagueira 55

3.4.1. Helena 56

3.4.2. Carolina 62

3.4.3. Robson 66

3.4.4. Bruno 73

3.4.5. Júlio 76

3.4.6. Leonardo 80

3.4.7. Eliana 86

3.4.8. Mateus 96

3.5. Marcando as propriedades discursivas dos sujeitos com gagueira 101

3.6. Confrontando os discursos dos sujeitos (interdiscursividade) a partir da análise das propriedades discursivas..... 103

3.6.1. Há algo que anuncia a gagueira... as metáforas de *língua* 103

3.6.2. Há algo que deve ser colocado no lugar do erro

iminente (previsto e certo)... antes que ganhe visibilidade na interpretação 103
3.6.3. Há posições discursivas geradoras da gagueira 105
3.6.3.1. A própria língua 105
3.6.3.2. O outro em determinada posição 107
3.6.3.3. O telefone... o outro imaginário 109
3.6.4. Há posições discursivas geradoras de fluência 110
3.6.5. Há alguém que se coloca na posição de intérprete (ou falante?) do discurso do sujeito gago, tomando-lhe a voz, diante da certeza do equívoco 111
3.6.6. Há um desequilíbrio na tensão fala e língua, onde o sujeito gago mantém-se no eixo da língua, ou é silenciado pela posição que considera ser colocado pelo outro 112

CONCLUSÃO 114

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 119

ANEXOS 126

CARTA DE INFORMAÇÃO AO PARTICIPANTE

Prezado(a) Sr(a):

Esta pesquisa se propõe a realizar um estudo sobre a gagueira, culminando em uma dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia, no Programa Interinstitucional PUC-SP/UNICAP.

Os objetivos do trabalho são: estudar a gagueira, pelo viés da Lingüística, entrecruzando fundamentos do Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem e da Análise do Discurso, a fim de compreender este distúrbio, sob o ponto de vista do funcionamento da linguagem. A intenção é que os dados obtidos possam servir de base para um novo olhar fonoaudiológico no trabalho com a gagueira, incluindo-se, então, o sujeito e a linguagem.

Sua participação na pesquisa dar-se-á a partir da autorização de gravação das sessões fonoaudiológicas em fita magnética, posteriormente transcritas e analisadas. Das sessões transcritas, serão selecionados recortes discursivos, que comporão o material da análise que norteará a pesquisa.

Em hipótese alguma, o(a) participante da pesquisa será identificado. A identificação será apenas de conhecimento do pesquisador, que nada revelará, por questões éticas.

O (A) participante fica livre para, em qualquer momento, retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo.

Recife, ____ de _____ de _____.

_____

Participante

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,

RG _____, declaro ter sido informado, verbalmente e por escrito, a respeito da pesquisa com objetivos acadêmicos e concordo em colaborar, espontaneamente, autorizando a gravação, para posterior transcrição e análise, das sessões fonoaudiológicas das quais participo, uma vez que foi garantido o meu anonimato.

Recife, ____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do Participante

Ao meu pai, que partiu tão precocemente, mas que pôde me deixar infinitos legados... De onde estiver, sei que sorri, ao me ver concluir esta etapa.

À minha mãe, pelo amor e dedicação em todos os momentos da minha vida.

Aos meus filhos, Thiago e Fernanda, pelo fato de existirem para mim, serem exatamente como são e pelas lições de vida diárias que me proporcionam.

Ao meu marido, Roberto, pelo amor, carinho e força nesta caminhada.

Ao meu irmão, João, pelo exemplo de amadurecimento e tranqüilidade.

À minha amiga/irmã, Fernanda, pelo apoio, pela mão amiga, pelo incentivo sempre presentes.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profª Drª Regina Maria Freire, pelo enorme carinho, amizade, dedicação e interesse no percurso desta pesquisa. Gostaria de salientar o seu senso de responsabilidade e competência profissional.

À Profª Drª Sílvia Friedman, uma das grandes responsáveis pelo meu interesse pela gagueira, pelas contribuições valiosas no Exame de Qualificação. Agradeço, especialmente, a sua amizade e compreensão.

À Profª Drª Helena Brandão, pelas sugestões no âmbito da Análise de Discurso, no Exame de Qualificação, que muito enriqueceram o meu trabalho.

À Virgínia Leal, sempre amiga, em parte separada pela distância, pelo carinho e atenção na leitura do meu trabalho, transformada em uma análise crítica apurada, na discussão.

À Virgínia Colares, sempre tão disponível para a leitura e análise de capítulos da minha dissertação, o meu agradecimento.

À Beth, Denise e Carlos, amigos mais que amigos, pelo companheirismo diário, pela cumplicidade e torcida.

Aos meus colegas da UNICAP, pelo carinho e credibilidade no meu trabalho.

Aos meus alunos e estagiários de Fonoaudiologia, pela força enorme neste percurso.

Aos meus pacientes, sujeitos desta pesquisa, pela confiança e apoio.

À Universidade Católica de Pernambuco, que viabilizou financeiramente o Mestrado Interinstitucional, agradeço a confiança em mim depositada.

RESUMO

Revisitando a literatura fonoaudiológica que toma a gagueira como objeto de estudo, deparei-me com uma heterogeneidade de hipóteses sobre sua origem, contraposta a uma homogeneidade em sua caracterização. Em um ponto, no entanto, há a confluência de todas as propostas: a gagueira seria a manifestação de algo que se dá no plano do corpo, ora significado como tensão muscular, ora como respiração, produção de fala, ou, ainda, como formação genética. O desafio que me propus a enfrentar neste trabalho foi o de olhar a gagueira **do ponto de vista discursivo**.

Fundamento-me, teoricamente, na Lingüística, particularmente, no Projeto Interacionista em aquisição de linguagem, proposto por De Lemos e seguidores e na Análise de Discurso de linha francesa, tal como desenvolvida por Eni Orlandi. Esta última, utilizo como teoria e dispositivo de análise. Circunscrevo três questões nodais que me proponho a desenvolver: a origem da gagueira, o lugar da gagueira (o espaço discursivo) e a oposição língua e fala.

Operei recortes discursivos sobre dois tipos de textos – de mães de crianças referidas como gagas e de sujeitos gagos. Considerando a regularidade do funcionamento do discurso e ancorando minhas análises na interdiscursividade, ou seja, nos mecanismos de constituição de sentidos - as paráfrases e os efeitos metafóricos – pude identificar certas propriedades discursivas.

Concluo a dissertação, ao afirmar a gagueira como acontecimento discursivo, diretamente relacionado às condições de produção. A análise realizada indica uma prevalência de discursos autoritários, onde há contenção da polissemia e apagamento do referente. Neste sentido, ao sujeito gago não é permitida a escolha: aliena-se na língua ou é silenciado pelas condições de produção.

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela gagueira surgiu na época da graduação, na década de setenta, quando a Fonoaudiologia no Brasil ainda dava seus primeiros passos e os pesquisadores na área eram quase inexistentes. Meus professores importavam teorias positivistas, que alienavam seus discursos em lugares comuns: "a gagueira não tem cura"; "a tarefa do fonoaudiólogo é controlar a fala do gago"; "a gagueira é um mistério"; "é muito difícil trabalhar com a gagueira", como pude relembrar, revendo minhas anotações da época da faculdade. Durante o estágio, atendi um paciente com gagueira, seguindo, fielmente, os ensinamentos de Van Riper[1], acompanhada da orientação da supervisora. O resultado (e o termo só pode ser este, mesmo!) foi um paciente completamente submetido à norma da língua, que não podia falar uma palavra sem pensar em como ia fazê-lo, que teria que relaxar lábios, língua, tocar suavemente certo(s) ponto(s) articulatório(s) para, enfim, falar con-tro-la-da-men-te. Chegamos, assim, ao final do processo terapêutico, o momento da alta. O paciente foi desligado do atendimento, quando se mostrou capaz de manter o controle de sua gagueira, pois, conforme o paradigma vigente, era um *gago fluente*[2]. Eu, no entanto, permaneci insatisfeita com o resultado terapêutico, mobilizada por questões que a teoria não respondia.

---

1. Estudioso da gagueira, filiado à Psicologia Experimental, autor de vários livros sobre este distúrbio.
2. Termo utilizado por Van Riper (1973), cuja técnica terapêutica é denominada "gagueira fluente".

No início dos anos oitenta, comecei a lecionar na Universidade Católica de Pernambuco e uma de minhas disciplinas contemplava (e ainda contempla) a gagueira, entre outras patologias de linguagem. Iniciei, também, o atendimento em consultório, onde atuo na área de linguagem, especialmente com sujeitos gagos. Passei a vislumbrar, na gagueira, muitos espaços para pesquisa, ao reconhecer nela uma materialidade única, que me desafiou a atravessá-la, rompê-la, para compreendê-la melhor.

No decorrer desta década, a Fonoaudiologia prosseguiu sua caminhada, com um aumento considerável de publicações e oportunidades de ingresso na pós-graduação. A nós, professores da UNICAP, foi oferecido um curso de especialização em patologias da linguagem, em convênio com a PUC-SP que, através de seu corpo docente, formulou questões polêmicas relacionadas à avaliação e terapia da linguagem. Nesta época, Meira e Friedman[3] publicam seus estudos sobre a gagueira, oferecendo outras alternativas de se olhar para este distúrbio, sob os pontos de vista fenomenológico e materialista histórico, respectivamente.

Na década de noventa, tive acesso a textos, dissertações e teses cuja fundamentação teórica estava ancorada na Lingüística. Interessei-me, particularmente, por dois aportes teóricos: o Projeto interacionista brasileiro

---

3. Sobre as autoras citadas, ver: MEIRA, M.I.M. Gagueira: do fato para o fenômeno. São Paulo: Cortez, 1983 e FRIEDMAN, S. Gagueira: origem e tratamento. São Paulo: Summus, 1986.

em aquisição de linguagem, especialmente formulado nos escritos de Cláudia de Lemos e seguidores e a Análise de Discurso, tal como proposta por Pêcheux, na França e desenvolvida por Eni Orlandi, no Brasil.

Parecem não existir, na literatura fonoaudiológica, estudos que contemplem a gagueira, sob o ponto de vista de uma teoria de linguagem. Hoje, as propostas terapêuticas mais conhecidas seguem os princípios da Psicologia Experimental, Social, ou da Psicanálise, da Filosofia fenomenológica e, ainda, da Biologia. Todas as teorias, evidentemente, apresentam contribuições à clínica fonoaudiológica, na medida em que, de seus lugares teóricos, operam alguma forma de circunscrição da gagueira. Por não partirem de uma teoria de linguagem, essas abordagens, naturalmente fiéis à fundamentação teórica em que se apoiam, deixam escapar a linguagem e, com ela, excluem o sujeito, uma vez que ambos se encontram indissoluvelmente atrelados, pois sujeito e linguagem se constituem mutuamente.

Meu percurso, nesta dissertação, se deu da clínica para a teoria. Constituí recortes discursivos de sessões terapêuticas e, a partir daí, aventurei-me a pensar a gagueira de um lugar diferente do de outros estudiosos – o da linguagem. Procurei estudar esta patologia a partir do funcionamento discursivo de sujeitos gagos. Para melhor compreendê-la, utilizei os construtos teóricos de duas vertentes da Lingüística: o Projeto interacionista brasileiro em aquisição de linguagem e a Análise de Discurso de linha francesa. Analisei o discurso de mães de crianças ditas gagas e de oito sujeitos gagos, durante o atendimento fonoaudiológico. Na

interdiscursividade, procurei realizar uma análise das propriedades discursivas, ou seja, a relação da totalidade discursiva com a exterioridade.

Esta dissertação consta de três capítulos e uma conclusão, além desta introdução, onde procuro apontar o percurso do trabalho.

No primeiro capítulo, faço uma revisão da literatura relativa ao tema em foco, evidenciando perspectivas diferentes no estudo da gagueira. Neste momento, procuro apontar para a exclusão do sujeito e da linguagem, na medida em que não há um compromisso dos autores pesquisados com uma teoria de linguagem.

No segundo capítulo, procuro esclarecer a minha proposta, diferente das anteriores, uma vez que me proponho a ver a gagueira não como comportamento, ou como tensão corporal, ou como sintoma, mas, partindo de uma teoria da Lingüística, que inclui, necessariamente, o sujeito, como uma forma peculiar de funcionamento da linguagem. Alço duas vertentes da Lingüística, já indicadas acima, procurando marcar concepções que aproximam ou distanciam estes dois lugares teóricos. Discuto questões particulares à Fonoaudiologia, que, por serem inerentes ao estudo da gagueira, escapam ao olhar da Lingüística. Neste sentido, problematizo três pontos que considero nodais para a abordagem discursiva da gagueira: a sua origem, o seu lugar e a tensão língua e fala.

No terceiro capítulo, tomo a Análise do Discurso como procedimento de análise, recorrendo a concepções que darão suporte às minhas interpretações. Procuro marcar o método da minha pesquisa – o discursivo - e o procedimento – a análise das propriedades discursivas de recortes de

textos diferentes que tratam do mesmo tema, a fim de caracterizar funcionamentos discursivos. Desta forma, interpelo a teoria por meio da clínica, e, pela via da linguagem, procuro desvendar o discurso (e o sujeito) da gagueira.

1º CAPÍTULO: O ESTADO DA ARTE

Pretendo apontar, neste capítulo, alguns nomes da literatura fonoaudiológica que se dispuseram a estudar a gagueira, com publicações que iluminaram este distúrbio, cada qual sustentado, naturalmente, por uma dada opção teórica. Optei por destacar cinco nomes entre os vários estudiosos da gagueira, porque privilegiei a diversidade epistemológica, as várias perspectivas de tratar o mesmo fato. Representando a literatura mundial, meu olhar se deteve sobre Van Riper, um dos pioneiros nesse estudo, que influencia ainda hoje inúmeros trabalhos de fonoaudiólogos. Os demais autores são brasileiros, uma vez que me interessa registrar o que vem sendo publicado em nosso país sobre a gagueira. Procurei selecionar pesquisadores contemporâneos, evidenciando as áreas de conhecimento a que se encontram filiados. Neste sentido, identifiquei três áreas: a Filosofia, a Psicologia e a Biologia e diferentes vertentes.

Influenciado pela corrente filosófica do Positivismo, na área da Psicologia Experimental, Van Riper (1971;1982) é um autor que se interessa por descrever a gagueira e propor sua terapêutica. Na primeira página de seu livro, refere-se à gagueira como um “enigma (...), um quebra-cabeça complicado, multidimensionado, com muitas peças ainda faltando” (Van Riper, 1982:1). Na descrição, circunscreve a gagueira ao nível articulatório, por ele concebido como ato motor:

> *"Propomos, por conseguinte, nossa própria definição de um comportamento de gagueira: a gagueira ocorre quando o fluxo da fala é interrompido pela ruptura motora de um som, sílaba ou palavra ou pelas reações do falante a isto"* (*ibidem*:15, tradução minha).

O autor compreende a gagueira como um comportamento verbal, que incide sobre o ritmo da fala, interrompendo-o. Embora declare-se adepto da multicausalidade, associando, freqüentemente, esta patologia a uma desordem na sincronização do cérebro, que levaria a uma ruptura na programação dos movimentos musculares exigidos pela fala, enfatiza o condicionamento clássico e operante como origem da gagueira.

Van Riper (1982) descreve a gagueira, separando os comportamentos expressos dos comportamentos encobertos[4]. Quando fala em comportamentos expressos, refere-se às repetições, aos bloqueios e prolongamentos. Nesta categoria, encontram-se ainda os comportamentos acessórios ou secundários, que podem ou não estar presentes como sintomas no gago. São eles: tensão, tremor, reações de perseveração, fixação tensa da glote, utilização de ar residual, fala inspirada, medo de gaguejar, comportamento de evitação, estratégias para ganhar tempo (como utilização de palavras desnecessárias), gestos faciais e manuais, além de outros. Quanto aos comportamentos encobertos, que descreve como os "sentimentos, reações e atitudes de quem gagueja" (*op.cit.*:144), considera-os de difícil registro, uma vez que, por se encontrarem ocultos,

---

4. Van Riper (1982) utiliza, em sua obra original, *overt behaviors* e *covert behaviors*, traduzidos por comportamentos expressos e encobertos, respectivamente.

depende-se da palavra do gago. Ainda assim, coloca nesta mesma categoria o medo e seus precipitantes, como medo de falar com autoridades, pessoas com cargos hierarquicamente superiores, empresários prósperos, professores, bem como o medo de sentir-se ridículo, de que as pessoas riam, da inabilidade na comunicação, da pressão do tempo, medo de embaraçar o ouvinte, de impaciência ou rejeição, de que o ouvinte sinta pena dele, entre outros. Relata ainda locais desencadeadores de medo, como o telefone, que pode agravar a gagueira pelo medo antecipado de seu uso, consultórios médicos, lojas, pontos de ônibus, aeroportos e até igrejas. Há ainda o medo de determinadas palavras e fonemas, bastante freqüente em seus pacientes. Outros comportamentos encobertos são: frustração, hostilidade e culpa. Van Riper (1972:284) utiliza uma equação que sintetiza os comportamentos encobertos:

$$\text{Gagueira} = \frac{(PFACH) + (mS\ mP) + sC}{M + F1}$$

Lendo a equação, teríamos: gagueira é o resultado de um conjunto de fatores formados por: penalidade, frustração, ansiedade, culpa, hostilidade, mais medo de situação e medo de palavra, mais stress de comunicação, divididos por moral e fluência.

Nesta abordagem, a gagueira não ultrapassa o estatuto de comportamento, conforme se pode depreender de sua proposta terapêutica. A técnica de Van Riper (1973), denominada por ele de "gagueira fluente", propõe um controle dos sintomas/comportamentos da gagueira. Ao paciente é dado o aprender de uma forma de gaguejar que seja livre de tensão, recompensada por vantagens sociais. Os passos de sua proposta são:

a) Identificação: conscientização dos comportamentos que integram a gagueira;
b) Dessensibilização: substituição dos comportamentos/respostas tensas por respostas fluentes e relaxadas;
c) Modificação: utilização de técnicas específicas para manter a fluência e diminuir o medo de gaguejar. Pode-se citar, como exemplo, as técnicas proprioceptivas, onde o paciente observa a suavidade dos pontos articulatórios dos fonemas; a técnica do cancelamento, quando, ao gaguejar, o gago deve cancelar a palavra gaguejada através da emissão suave do primeiro fonema e a técnica do *pull-out*, que incide sobre a previsão do momento de gagueira, ou seja, quando o paciente acreditar que irá gaguejar em determinada palavra, deve, imediatamente, puxá-la para fora, através dos recursos utilizados na técnica anterior;
d) Estabilização: utilização de exercícios que apoiem a modificação da fala e a manutenção de imagens positivas. Neste último estágio, o autor considera importante levar o gago a resistir à sugestão de que gaguejar é inevitável. Para tanto, utiliza-se de filmes e gravações, onde o paciente possa perceber a sua evolução.

Van Riper contribui para a Fonoaudiologia, ao identificar e nomear os comportamentos manifestos, permitindo uma descrição apurada dos mesmos, uma vez que são visíveis, antecedem, sucedem ou ocorrem simultaneamente à gagueira. Por outro lado, os comportamentos encobertos carecem de uma formulação teórica que lhes ofereça concretude e, conseqüentemente, uma configuração que possibilite o trabalho terapêutico.

O aporte teórico em que este autor se ancora reduz a língua ao âmbito do comportamento verbal. Neste caso, é exemplar a crítica realizada por M. T. Lemos (1995), em relação à exclusão da linguagem operada pelo behaviorismo:

> "*O language behavior (...) por um lado fazia o movimento de incluir a linguagem (substituindo inclusive o uso de unidades psicológicas da fala por unidades estruturais, derivadas apenas da análise lingüística) mas, por outro lado, apagava esta alteridade, concebendo-a como um comportamento entre outros"* (M. T. Lemos, 1995:21).

A perspectiva fenomenológica adotada por Meira (1983) reconhece a fragmentação na análise da gagueira, operada pela abordagem behaviorista. Argumenta a favor de uma continuidade entre o interno e o externo do sujeito, partindo do manifesto (invólucros de tensão) para chegar à essência da gagueira. Nesta investigação, Meira (*op.cit.*) observou que os sujeitos gagos escondiam o fato gagueira, fingindo não serem gagos, dado que os outros (e eles próprios) não o aceitavam.

> *"O fenômeno gagueira está envolvido por fortes camadas de tensão colocadas pelo gago no decorrer de sua história*

> *com a gagueira, vista por ele como um fato. Assim encoberto, o fenômeno gagueira não se mostrava para os gagos observados"* (*ibidem*:113*).*

Fiel à sua filiação teórica, Meira (1983) indica a abordagem fenomenológica como possibilidade terapêutica. Parte, portanto, dos fundamentos de Husserl[5], mas com um enfoque maior em Merleau-Ponty[6], quanto à concepção da fenomenologia como método, caminhando da percepção imanente para a transcendência, em busca de descrever e analisar o fenômeno *gagueira*. Segundo a autora, os invólucros da gagueira (tensões) encobrem o fenômeno gagueira, que acaba não vindo à tona.

> *"Neste estudo, portanto, fato e fenômeno se distinguem. Os invólucros ocultam o fenômeno gagueira e evidenciam o fato gagueira. As tensões apresentadas constituem os invólucros da gagueira"* (Meira, 1983:114).

Desta forma, propõe a dissolução dos invólucros para que, finalmente, a gagueira surja como fenômeno. A autora observa que ao se trabalhar o corpo, a gagueira vai diminuindo até uma fala quase fluente, com sintomas mais leves, poucas repetições e pausas respiratórias.

---

5. Husserl (1986) refere-se à Fenomenologia como ciência dos fenômenos intuitivos, idealismo transcedental.

6. Merleau-Ponty (1971), discípulo de Husserl, parte do fenômeno do comportamento, elegendo a percepção como primeiro contato com o mundo, fazendo do corpo, o sujeito da percepção.

Em artigo publicado recentemente, Meira (2000) apresenta registros escritos[7] de um paciente gago, que relatam o processo terapêutico vivenciado por ele, até a alta. Tendo como objetivo a fluência, a autora enfatiza o desenvolvimento da consciência corporal, da fala e das atitudes em relação à gagueira. Nesta terapia, a autora busca integrar gagueira e emoção, mas como considera não ser possível atingir seu objetivo trabalhando apenas aspectos subjetivos, como "as emoções, a pessoa, o gago" (*op.cit*.: 08/09) , procura enfocar o trabalho com o corpo/grupos musculares com tonus alterado.

Em sua proposta de abandonar o fato gagueira, observando o fenômeno, há um direcionamento do olhar para os invólucros de tensão corporal, o que contribui para novos registros na Fonoaudiologia. Este privilégio, no entanto, não evita que o sujeito seja reduzido à sua corporalidade, sem ultrapassar o nível do comportamento manifesto, deixando de lado a língua, uma vez que sua essência está nos anéis de tensão do corpo. Novamente, sujeito e linguagem são excluídos. Segundo

---

7. Sobre este assunto, ver texto de Panhoca, I. et al. In: Lacerda, C.B.F. & Panhoca, I. (2000), cujo objetivo é apresentar uma proposta terapêutica para sujeitos gagos, a partir da utilização da escrita. As autoras, fundamentadas na Lingüística e apoiadas na teoria psico-social de Friedman, descrevem dois casos, em que a intervenção fonoaudiológica baseou-se na linguagem escrita, já que consideram que a fala do gago apresenta um componente comprometido e doloroso. No primeiro sujeito, o paciente identificou uma evolução na sua escrita, uma vez que, a partir de uma atividade de metalinguagem, pôde refletir sobre a própria linguagem escrita. Nos dois sujeitos apresentados, houve relatos de melhora na gagueira e, sobretudo, nos medos e inseguranças. Vale salientar que o estudo é fundamentado no discursivo, lugar da ideologia, da significação. Acredito, entretanto, que o sintoma-gagueira encontra-se no espaço discursivo oral e, desta forma, permaneceria escanteado, escondido, intocado.

De Lemos (1995b), “sempre que algo do corpo ou sobre o corpo tem comparecido na reflexão filosófica ou lingüística sobre a língua e a linguagem, é o apagamento do que é próprio da língua que convoca essa presença” (*op.cit*.:3).

Sob o ponto de vista do Materialismo Histórico, na área da Psicologia Social, Friedman (1986) procura compreender a gagueira a partir da diacronia. Situa a origem deste distúrbio na primeira infância, quando, segundo ela, a criança passa por uma fase de gagueira natural e os pais se referem à fala gaguejada da criança, utilizando termos inadequados, como por exemplo, *Fale direito!.* Este discurso se configura como um paradoxo, uma vez que sugere uma dupla vinculação com a realidade (Friedman, 1994), na medida em que o contexto de fala não pode ser abandonado e o indivíduo não pode falar do seu modo. A gagueira pode ser definida, portanto, como “o produto ideológico da história das relações de comunicação vividas, de onde emerge a crença na incapacidade articulatória, que determina todo o processo de produção de sua manifestação externa” (Friedman, 1986: 129). A autora propõe uma abordagem terapêutica que recupera a história de vida do sujeito, quanto aos aspectos de fala e linguagem, desmistificando a imagem de mau falante formada na primeira infância. Para tanto, ela busca a construção do personagem bom falante, utilizando técnicas proprioceptivas, que levem o sujeito a perceber sua integridade articulatória, a aceitação do silêncio na fala, a compreensão da dialética subjetividade/objetividade do modo de produção da gagueira, além de exercícios de atividade de fala, para que a

gagueira possa ser entendida como natural e não mais como sofrimento, "produto do comportamento de prevê-la" (Friedman, 1997a:22).

Segundo Friedman (1997b), o fato de estudar a gagueira sob a perspectiva da Psicologia Social, levou-a a estabelecer uma relação entre ideologia e movimento da consciência e, conseqüentemente, falar pouco sobre a linguagem. No texto em questão, a autora procura inferir que o movimento da consciência seria a própria linguagem, apontando para uma aproximação entre a teoria das representações sociais e a Análise de Discurso de linha francesa. Rubino (1994), ao discutir o interacionismo, considera que as tentativas de inclusão de um fator social nas teorias de aquisição de linguagem são um fracasso, uma vez que a linguagem não ultrapassa o estatuto de acessório.

> *"Dentro dessa concepção social restaria à linguagem o papel de meio pelo qual dois ou mais interlocutores, iguais e constituídos fora da linguagem* ***trocam*** *(termo, aliás, bastante difundido no discurso fonoaudiológico) mensagens ou, em outras palavras, se alternam na produção lingüística (ou não lingüística) dirigida ao interlocutor"* (Rubino, 1994:71).

Uma crítica semelhante é realizada por Orlandi (1996) que compreende o fato de as ciências sociais excluírem a linguagem de sua teoria, por esta ser objeto da lingüística.

Friedman (1994) discute questões pertinentes à compreensão da gagueira, retomando o discurso de outros pesquisadores, acrescentando um aspecto inédito: a ideologia estigmatizada de falante. É esta que determina a sua proposta terapêutica, no sentido de apontar para uma ressignificação

da auto-imagem de mau falante, a partir do trabalho com os determinantes da gagueira, ou seja, o resgate da história do sujeito, o trabalho com propriocepção, com ênfase em corpo, respiração, movimentos articulatórios e fonêmicos, entre outros. Por falar do lugar da Psicologia Social, a linguagem é, necessariamente, excluída de sua teoria.

Cunha & Gomes (1996) partem do pressuposto de que na clínica psicanalítica a gagueira é compreendida como sintoma, não sendo, portanto, o foco da análise. Propõem, então, um trabalho fonoaudiológico inspirado na teoria psicanalítica, onde se considere a "dimensão inconsciente existente na formação do sintoma gagueira" (*ibidem*: 69) e mais adiante, apontam para a necessidade de que se busque "na natureza do desejo inconsciente recalcado o sentido e a função do sintoma gagueira" (*ibidem:*74). Assim, buscam refletir sobre a gagueira, através de um enfoque psicanalítico freudiano, percebendo-a como um sintoma de duas formas de neurose: a histeria de conversão e a obsessão. Em ambas, a causa da gagueira seria a mesma: o sofrimento pela separação do outro. Sustentam que na histeria de conversão, pelo fato de o afeto ser descarregado no corpo, há uma paralisação da dor psíquica; neste caso, constatam que os bloqueios são predominantes. Na neurose obsessiva, a racionalização controla a dor psíquica; neste caso, as repetições e hesitações são mais evidentes. Quanto à proposta terapêutica, as autoras afirmam ser importante diferenciar as neuroses, uma vez que na histeria de conversão, como o afeto é expresso no corpo, técnicas corporais costumam surtir efeito; já na neurose obsessiva, com o objetivo de racionalizar as

idéias, são as técnicas articulatórias relacionadas à conscientização da produção da fala, as mais eficazes. Sob esta ótica, apontam para o fato de que o indivíduo gago deve escutar a si mesmo, a fim de encontrar um novo sentido para a gagueira[8].

A proposta investigativa de Cunha & Gomes, fundamentada pela teoria psicanalítica estabelece uma relação de causalidade entre a neurose e a gagueira e acaba por encontrar um novo lugar para a gagueira, encapsulando-a em uma estrutura clínica: a das neuroses. Vista sob este prisma, a linguagem escapa, deixando de ser objeto de estudo da Fonoaudiologia.

Tal como Van Riper, Andrade (1999) compreende a gagueira como um distúrbio multidimensional, com atuação de fatores bio-psico-sociais. Enfatiza, porém, a genética como origem da gagueira, responsabilizando-a pelas formas leves e severas da patologia, atuando, inclusive, na recuperação espontânea. Classifica a gagueira em disfluências normais, leves e graves. A disfluência normal é aquela em que ocorrem algumas hesitações e repetições esporádicas de sílabas ou palavras (a criança repete uma ou duas vezes a sílaba). Indica que a criança está em fase de aprendizagem de linguagem e, neste caso, "nem os falantes nem os ouvintes percebem que tal fato acontece o tempo todo" (Andrade, 1999:49).

---

8. Friedman (1996), analisando o enfoque psicanalítico no estudo das histerias, reflete sobre a possibilidade de se estarem estudando diferentes tipos de gagueira, sem que haja, necessariamente, uma oposição de perspectivas.

As disfluências leves são caracterizadas por repetições de sílabas mais de duas vezes, prolongamentos de sons, tensões específicas corporais e mudanças na intensidade da voz. Não apresentam um caráter episódico como a anterior, mas costumam persistir por um período de seis meses, quando desaparecem. Quanto às disfluências graves, considera que nestas, a criança gagueja em mais de dez por cento da fala, apresenta predominância de bloqueios, além de repetições e prolongamentos. Outros sintomas presentes são: esforço para falar, tensão, movimentos faciais, medo de falar, evitações de situações de fala, substituição de palavras.

A autora interessa-se, especialmente, pela gagueira infantil, uma vez que, em alguns casos, esta pode ser prevenida. Elabora um programa fonoaudiológico de triagem das gagueiras infantis, com o objetivo de "identificar o grau de risco de evolução para cronicidade que crianças com disfluências apresentam" (Andrade, 1998.b:67), além de um programa fonoaudiológico de avaliação das gagueiras infantis, que visa "permitir a identificação de fatores que possam estar contribuindo para o desenvolvimento ou manutenção da gagueira na criança" (Andrade, 1988.a:62). Em sua obra mais recente, propõe um *protocolo de risco* a ser aplicados aos pais ou responsáveis pela criança.

> *"O preenchimento do protocolo deve ser seqüencial numérico, marcando a coluna correspondente com o número de pontos abaixo discriminados. Após completar o questionário, somar a pontuação correspondente a cada coluna e identificar a área que obteve maior número de pontos. Determinada a área de maior pontuação, o fonoaudiólogo selecionará qual o Programa Terapêutico de Promoção da Fluência a seguir: Verde (Capítulo 3 – Baixo*

> *Risco), Amarelo (Capítulo 4 – Grupo de Risco) ou Vermelho (Capítulo 5 – Alto Risco)"* (Andrade, 1999:15/16).

Andrade apresenta uma visão organicista da gagueira, onde, apesar de vislumbrar outros componentes que poderiam estar relacionados à sua origem, como os hereditários, biológicos, psicológicos, lingüísticos e sociais, fica clara em sua pesquisa, uma forte sustentação biológica, com uma proposta avaliativa e terapêutica quantitativa. Nesta perspectiva, sujeito e linguagem são excluídos. Em seus lugares, está a gagueira, o corpo, a quantidade de sílabas gaguejadas, um protocolo de risco.

Neste momento, passo a retomar a análise dos pesquisadores referidos, realizando uma síntese didática, no sentido de pontuar suas posições teóricas e os limites que delas decorrem.

A) Van Riper – conhecido mundialmente no desenvolvimento de trabalhos com gagueira. Descreve sintomas, configurando os comportamentos expressos e os encobertos, percebendo a gagueira como além do visível. Os comportamentos encobertos, entretanto, não apresentam sustentação teórica, necessária para o estatuto de conhecimento científico. Para este autor, o sintoma é uma unidade aberta, transparente, uma vez que apresenta o sentido de comportamento. Sob a égide da terapêutica, um conjunto de técnicas, dispostas em ordem de complexidade, excluem o sujeito e a linguagem.

B) Meira – elabora uma pesquisa bibliográfica de autores estrangeiros, onde aponta reducionismos, no sentido de que os autores analisados percebem a gagueira como *fato.* Configura melhor a questão dos invólucros de tensão corporal. Ao privilegiar o corpo, há um apagamento do sujeito e da linguagem.

C) Friedman – é a primeira pesquisadora a buscar a essência da gagueira, em uma perspectiva Materialista Histórica. É de seu interesse a compreensão do sujeito gago, identificando uma ideologia estigmatizada de falante. Há pontos bastante relevantes em sua proposta teórico-terapêutica, como a questão da *antecipação* da gagueira (no sentido de previsão da mesma pelo sujeito gago), a visão de que os *truques* ratificam a gagueira e o trabalho com *propriocepção fonêmica*, que tem como objetivo levar o paciente a perceber a sua fala. Por trabalhar com representações sociais, elabora categorias, além de caracterizar a gagueira como *produção de fala*. Neste sentido, um outro elemento constitutivo da linguagem tornou-se saliente, em sua teoria.

D) Cunha & Gomes – as autoras são as primeiras fonoaudiólogas a lançar um olhar para a gagueira sob uma perspectiva psicanalítica. Deste lugar, acabam por *aprisionar* a gagueira a duas formas de neurose, afastando a questão da área da linguagem, deslocando-a ao psiquismo. É neste momento que há a exclusão da

linguagem, que permanece no campo da complementaridade, embora haja a inclusão do sujeito.

E) Andrade – mantendo uma abordagem biológica, propõe um trabalho avaliativo-terapêutico para crianças com disfluência – gagueira. Seu projeto não ultrapassa o estatuto organicista/quantitativo. Há uma redução da linguagem ao orgânico, com a exclusão da subjetividade.

Na revisão da literatura sobre a gagueira, observa-se que se tem avançado em muitos pontos, especialmente no que tange à sua descrição. Há, entretanto, pontos obscuros. Um destes aspectos é a questão da origem deste distúrbio: nada chama mais atenção nas publicações sobre a gagueira do que as incontáveis páginas dedicadas à etiologia... e após a leitura, a sensação de que o próprio autor se frustrou com o resultado do seu capítulo – o levantamento de diversas suposições e quase nada de comprovação. Outro aspecto é a atribuição de um lugar para a gagueira. Os autores pesquisados, em decorrência das visões teóricas adotadas, constatam que a *doença* está localizada no sujeito gago, a gagueira é dele, porque ele é neurótico, tem invólucros de tensão, etc. Referem ainda que a gagueira é um problema de produção de fala, ou uma questão articulatória, respiratória, rítmica ou corporal.

Minha experiência terapêutica com sujeitos gagos caminha na direção contrária à da exposta acima, ou seja, indica que a gagueira não se encontra naquele que fala, assim como não é um problema do interlocutor, mas relaciona-se às condições de produção e ao espaço do discurso, em uma

relação necessária com a exterioridade. Sobre este aspecto, encontro respaldo teórico em Orlandi:

> *"A linguagem tem como condição a incompletude e seu espaço é intervalar. Intervalar nas duas dimensões: a dos interlocutores e a da seqüência de segmentos. O sentido é intervalar. Não está em um interlocutor, não está no outro: está no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelos / nos dois interlocutores. Assim como não está em um segmento, nem em outro, nem na soma de todos os segmentos que constituem um texto determinado. Está na unidade a partir da qual os segmentos se organizam"* (Orlandi, 1987:160/161).

Tais questões me encaminham a propor uma ousadia: **a de olhar a gagueira como um problema discursivo.**

Com o objetivo de desenvolver esta forma alternativa de compreender a gagueira, irei, no próximo capítulo, alçar construtos teóricos de duas vertentes da Lingüística: uma que se propõe a estudar a aquisição da linguagem e outra que se debruça sobre o estudo da ideologia. Ambas se assentam sobre o discursivo. Explicitando melhor, de um lado recorrerei ao Projeto Interacionista proposto por De Lemos e seguidores, porque acredito que ele traz contribuições para iluminar a questão da origem da gagueira e de seu funcionamento como linguagem; de outro lado, utilizarei o arcabouço teórico da Análise de Discurso de linha francesa, na medida em que compreendo a gagueira como efetivamente atravessada pelo componente ideológico e é esta teoria que nos diz que a materialidade da ideologia se encontra no discursivo. É importante esclarecer que não tomarei os dois lugares teóricos em sua totalidade, mas enfatizarei questões que me interessam na compreensão do meu objeto de estudo.

2º CAPÍTULO: UM NOVO OLHAR PARA A GAGUEIRA: O PONTO DE VISTA DISCURSIVO

Optei por apresentar, separadamente, as duas abordagens lingüísticas que privilegiarei neste trabalho. Penso que, desta forma, facilitarei o acesso às mesmas pelo leitor, embora reconheça que ambas trabalham com uma concepção de sujeito da linguagem historicamente constituído, ou seja, sujeito como lugar de significação e como posição, ou seja, sujeito que se produz entre discursos diferentes; e com uma concepção de linguagem enquanto realização do simbólico, necessariamente opaca e incompleta, lugar do possível, uma vez que não há sentido em si.

2.1. O Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem

Interessa-me discutir o projeto interacionista em aquisição de linguagem por dois motivos: em primeiro lugar, porque De Lemos (1995.a) acessa uma Lingüística tocada pela Psicanálise, que permite incorporar o sujeito à estrutura, alçando a idéia de funcionamento da linguagem. Neste caso, através das análises discursivas dos sujeitos gagos, pretendo apontar para um funcionamento peculiar de linguagem. Em segundo lugar, porque, nele, a autora estuda a aquisição de linguagem em falantes normais e me interessa problematizar a questão da origem da gagueira.

No processo de aquisição da linguagem, os significantes da criança são postos em circulação pelo adulto, que os interpreta, articulando-os a um texto. A criança cruza momentos diferentes de textos e co-textos, momento em que a língua passa a fazer efeito nela, gerando auto-correções e o assemelhamento à fala do outro. Assim sendo, inicialmente, a criança alça significantes corretos da língua, não interpretados por ela, para, enfim, deslocar-se, dessubjetivando o adulto, momento em que passa de personagem a autor de seu processo. Há o efeito reorganizador da linguagem sobre a linguagem, na medida em que a criança ouve e produz enunciados. A própria produção de um enunciado desencadeia reorganização, como conseqüência de ter sido ouvido e ressignificado. As auto-correções são, portanto, mudanças da posição de interpretado para intérprete de si mesmo e do outro. "Os significantes apropriados pela criança voltam, pois, pela interpretação, para o sistema em funcionamento do adulto, sendo postos em novas relações, e sofrendo conseqüente ressignificação" (Castro, 1995:31).

Na concepção de De Lemos (1995a), falar implica efetuar operações de seleção (metáforas) e combinação (metonímias), a partir dos eixos paradigmático e sintagmático. Remete ao ***outro,***[9] a instância de funcionamento da língua constituída, ocupando a posição de discurso. Os processos metafóricos e metonímicos, ou seja, leis de composição interna

---

9. Na perspectiva da Análise do Discurso, o ***outro*** é o interlocutor e o ***Outro*** é o interdiscurso (historicidade, memória do dizer), lugar da ideologia.

da ordem própria da linguagem e modos de emergência do sujeito na cadeia significante, possibilitam a ressignificação dos significantes da criança, que circulam e devem, portanto, ser significados. Ao serem interpretados, os fragmentos lingüísticos da criança são limitados em redes de relações e sentido (Vitto, 1995). De Lemos (1999) evidencia duas possibilidades oferecidas pela utilização dos processos metafóricos e metonímicos como alternativa viável aos processos reorganizacionais da linguagem, atribuindo-lhes o estatuto de *mecanismos de mudança*:

> *"Primeiro, de interpretar os enunciados da criança não como instanciações de categorias e estruturas lingüísticas, mas como produto de relações tanto entre os fragmentos não-analisados e os enunciados/textos do adulto quanto entre esses fragmentos no domínio de um mesmo enunciado da criança. Segundo, de inferir dessas relações um movimento de ressignificação desses fragmentos e da própria posição da criança na língua, enfim, uma mudança estrutural do ponto de vista lingüístico e subjetivo"* (De Lemos, 1999:7).

Recorro ao esquema dos processos metafóricos e metonímicos[10], com o objetivo de facilitar a visualização dos mesmos pelo leitor:

---

10. Jakobson (1995), ao reinterpretar Saussure, alça as figuras da retórica – metáfora e metonímia, a fim de explicar o funcionamento da linguagem, até então, eixos paradigmático e sintagmático, descrevendo-o como uma tensão entre dois processos: o metafórico, compatível com a substituição, e o metonímico, relativo à contigüidade.

Eixo vertical

Eixo paradigmático

Condensação

Eixo metafórico (língua)

Processos parafrásticos (o mesmo, o antigo, o já dito)

Ocorrem em ausência

Eixo das substituições

Seleção

Eixo horizontal

Eixo sintagmático

Deslocamento

Eixo metonímico (fala)

Processos polissêmicos (o novo, o diferente)

Ocorrem em presença

Eixo das combinações

Contiguidade

As relações sintagmáticas (processos metonímicos) são qualificadas como relações em presença, uma vez que o valor de um significante é determinado por sua oposição aos outros significantes que se associam a este. Já as relações paradigmáticas (processos metafóricos) são

qualificadas como relações em ausência, por se referirem a significantes que não se encontram presentes na cadeia.

De Lemos (1999) aponta para uma solidariedade entre os processos metafóricos e metonímicos, com dominâncias de um ou de outro, o que conduz a uma nova perspectiva em relação ao processo de aquisição da linguagem, priorizando a relação da criança com a fala do outro e com a sua própria língua. Já não está na fala imediatamente precedente da mãe, mas no próprio enunciado da criança, a cadeia que move os significantes e que contribui para deslocá-los, ressignificando-os.

2.2. A Análise de Discurso de Linha Francesa

A Análise de Discurso é, segundo Orlandi (1987), uma des-disciplina, uma vez que é articulada no entremeio de três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico (teoria das formações sociais e suas transformações), compreendida aí a teoria da ideologia; a Lingüística, (teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação) e a teoria do discurso (teoria da determinação histórica dos processos semânticos). Além disso, ela é atravessada por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica. Em sua obra mais recente, Orlandi (2000) modifica esta concepção, retirando a teoria do discurso, ampliando a noção da Lingüística e acrescentando a Psicanálise como filiação teórica. Neste sentido, as regiões seriam: o Materialismo Histórico, mantendo-se a concepção

anterior; a Lingüística, constituída pela afirmação da opacidade da linguagem, com seu objeto próprio - a língua - que, por sua vez, tem sua ordem própria e, como terceira região, a Psicanálise, com a interpelação da noção de indivíduo para a de sujeito, constituindo-se na relação com o simbólico. A Análise de Discurso interroga as três regiões pelo que não consideram. Desta forma, questiona a Lingüística, por deixar de lado a historicidade; o Marxismo, por não considerar o simbólico e a Psicanálise, por não compreender a ideologia absorvida pelo inconsciente. É importante salientar que a Análise de Discurso origina-se da Lingúística, mas, por estar filiada a outras regiões do conhecimento, dela se afasta. Apesar disto, pressupõe a Lingüística, na medida em que compreende a língua como um sistema significante.

A Análise de Discurso (AD) toma por base o discurso como acontecimento, enquanto "efeito de sentidos entre locutores" (Pêcheux, 1990) e propõe a noção de funcionamento, ou seja, a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso). Orlandi (1987) considera a paráfrase e a polissemia, respectivamente, o mesmo e o diferente, matriz e fonte de sentido, como os dois grandes processos da linguagem. É importante ressaltar que o funcionamento não é unicamente lingüístico, já que as condições de produção (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. As condições de produção são formações imaginárias, onde se apresentam:

> *"a **relação de forças** (os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso), a **relação de sentido** (o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros), a **antecipação** (a maneira como o locutor representa as representações do seu interlocutor e vice-versa)"* (Orlandi, 1987:158, grifos meus).

A relação de forças se refere ao lugar de onde fala o sujeito, ao valor de sua posição no discurso. Como diz Orlandi (2000), nossa sociedade é hierarquizada, logo, se o sujeito fala do lugar de professor, por exemplo, seu dizer *vale* mais do que o de um aluno.

A relação de sentido deriva do fato de que não existe um discurso único, inédito. Todo discurso tem relação com outros discursos já ditos ou imaginados.

Explicitando melhor a noção de antecipação, presente nas formações imaginárias, que pretendo utilizar mais adiante, neste trabalho, Orlandi (1987) acrescenta:

> *"Pela antecipação, o locutor experimenta o lugar de seu ouvinte, a partir de seu próprio lugar: é a maneira como o locutor representa as representações de seu interlocutor e vice-versa... a antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva do discurso, a nível das formações imaginárias".* (Orlandi, 1987:126).

O sujeito falará de uma forma ou de outra, dependendo do "efeito que possa produzir em seu ouvinte" (Orlandi, 2000: 39).

A formação discursiva media de um lado, as condições de produção e o funcionamento discursivo, e de outro a formação ideológica. Representa no discurso as formações ideológicas, constituindo-se na relação com o interdiscurso (memória do dizer). A formação discursiva é, então, "o lugar do

sentido, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia" (Orlandi, 1996:21). Na concepção da AD, todo discurso tem sujeito, e todo sujeito tem ideologia, tomando por *ideologia* "o efeito da relação do sujeito com a língua e história para que se signifique" (*op.cit*.:48). Orlandi (1994) refere haver um deslocamento do conceito sociológico de ideologia para o conceito discursivo do termo. A autora afirma, então, que a ideologia

> *"não se apresenta como ocultação (ou dissimulação) mas como transposição (simulação) de sentidos em outros pela relação necessária com o imaginário, que atravessa a relação linguagem/mundo, determinado pela história num dado estado da formação social. Ou dito de outra forma, trata-se do necessário apagamento, para o sujeito, de seu movimento de interpretação, na sua ilusão de* ***dar*** *sentido: a produção do efeito de* ***evidência****"* (*op.cit*.:296).

Brandão (1996) afirma que "o discursivo é uma espécie pertencente ao gênero ideológico" (*op.cit*.:38). A ideologia é inconsciente e materializada no discurso. O discurso é, portanto, o lugar de confronto entre língua e ideologia.

Orlandi (1996) considera que os sentidos (relações do sujeito com a história) são abertos e não evidentes, embora tenham a aparência de evidência, além de que são necessariamente discursivos, sempre sujeitos à interpretação. Esta, por sua vez, é "o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é *materializada* pela história. O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio" (Orlandi, 1996:18). A AD compreende sujeito e sentido

constituindo-se ao mesmo tempo. Ambos não são transparentes e devem ser observados a partir de sua materialidade.

Sobre a tipologia do discurso, Orlandi (2000) diferencia três tipos de discurso: lúdico, autoritário e polêmico, caracterizando-os, respectivamente, como predominantemente polissêmico, parafrástico e equilibrado entre ambos os componentes. O discurso em que melhor se observa o jogo entre o mesmo e o diferente seria o polêmico.

Outro conceito importante para a compreensão do discurso do sujeito gago é o de *silenciamento.* Orlandi (1993) interessa-se pela política do silêncio, que no discurso aparece como "tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc" (*ibidem*:31). A política do silêncio (ou silenciamento) significa que ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos, "como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz x para não (deixar) dizer y, este sendo o sentido a se descartar do dito" (*Ibidem*:76). O dizer é interditado e, quando isto acontece, constituem-se discursos autoritários, onde não há reversibilidade. É negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, que permanece estanque em um lugar, produzindo sentidos não proibidos. Caberia aqui a noção de *migração de sentidos*, com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição. Sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito.

2.3. O Projeto Interacionista em Aquisição de Linguagem e a Análise de Discurso: o afastamento necessário

Estes dois lugares teóricos distanciam-se entre si, em alguns momentos, uma vez que o interacionismo compreende uma autonomia absoluta de linguagem e a AD sinaliza para uma autonomia relativa, produto de contradição, já que as condições de produção estão fortemente imbricadas no processo. Outro ponto de afastamento é o fato de a AD ser um dispositivo de análise, o que permite explicitar os mecanismos de funcionamento do discurso, enquanto o Projeto interacionista mantém-se na teoria e tem por objetivo explicar a aquisição de linguagem. Aproximam-se quanto aos conceitos de sujeito e linguagem, uma vez que ambas são atravessadas por uma teoria psicanalítica.

As duas abordagens, entretanto, não dão conta de questões específicas da gagueira. Obviamente, elas não teriam mesmo que olhar o patológico, uma vez que não se propõem a isto. No Projeto Interacionista, há mães que interpretam seus filhos e eles adquirem linguagem, configurando-se *falantes ideais*. E quando eles não adquirem? E quando gaguejam? A AD analisa discursos institucionalmente marcados: jurídicos, políticos, religiosos, pedagógicos. O discurso que se opera na clínica pode ser configurado como institucionalmente marcado, uma vez que a clínica trabalha com os conceitos de normal e patológico, tendendo a normalizar o diferente. Há questões pertinentes à Fonoaudiologia, que necessariamente,

escapam à Lingüística. É sobre elas que me debruço agora, com a compreensão do discursivo e o olhar fonoaudiológico.

2.4. A Articulação das duas Propostas no Estudo Fonoaudiológico da Gagueira

Neste momento, pretendo articular as duas propostas, a saber, o Interacionismo e a Análise do Discurso à questões pertinentes à minha análise: a origem da gagueira, o lugar da gagueira e a tensão fala e língua. São questões que gostaria de aprofundar, do ponto de vista lingüístico-discursivo.

2.4.1. Sobre a origem da gagueira:

Ao estudar a fluência (e disfluência) no sujeito, Scarpa (1995) tece relevantes considerações sobre o tema, compreendendo que ambas dependem da relação do sujeito com a língua. Na busca de um conceito de fluência na literatura, conclui que esta noção se dá pelo seu contrário, ou seja, a fluência é o termo não marcado, ideal, produtivo, enquanto que a disfluência é o problemático, não produtivo. Analisando os discursos de crianças na faixa etária de 22 meses a 3 anos, revela:

> *"Trechos fluentes são os já ajeitados, conhecidos, analisados ou – na maioria dos casos, congelados, vêm em bloco. Os disfluentes são aqueles em construção, instáveis, com tentativas infrutíferas de segmentação em blocos prosódicos; supõem passos mais complexos tanto paradigmática quanto sintagmaticamente na elaboração do enunciado. Autoria vs. não-autoria, discurso próprio vs. discurso do outro parecem ser também traços que vale a pena levantar enquanto hipótese de elaboração formal dos enunciados nesta faixa etária"* (Scarpa, 1995:171).

A autora aponta para o fato de que o sujeito fluente é uma abstração, uma vez que a linguagem apresenta, por sua própria constituição, as características de falta e incompletude. "Os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro. O outro recompõe as disfluências e imperfeições da fala" (*op.cit*.:176). Encontra um lugar para a disfluência: "prosodicamente, a disfluência não ocorre nos trechos nucleares, mas nos periféricos e fronteiriços" (*ibidem*:179) e, mais adiante, "subjetivação nas fronteiras da segmentação e nos trechos não-nucleares: aí ocorre a disfluência" (*ibidem*:180).

A disfluência, então, é o lugar de subjetivação, o lugar onde a língua, enquanto outro faz efeito no sujeito e ele joga com ela, descobre regras e é levado a assemelhar-se à fala do adulto. Esta disfluência é constituinte do sujeito e permanece até a idade adulta, uma vez que o conceito de fluência é ideal. Poderia, entretanto, deslocar-se para gagueira? Os discursos dos sujeitos gagos e de seus pais, a que tenho acesso na clínica fonoaudiológica me dizem que sim.

Quanto à concepção de erro em aquisição de linguagem, Carvalho (1995) enfoca que esta noção é aprisionada "a um sujeito que sabe (ou que deve saber) e que, no entanto, *falha* em relação a este objetivo" (*ibidem*:137). Os erros da criança eram *higienizados*, uma vez que não eram passíveis de análise e interpretados, somente, os fragmentos que o pesquisador considerava próprio da língua. Foi a partir de Bowerman (1982) que os erros passaram a ser privilegiados na análise e interpretados como novas formas de linguagem produzidas pela criança. Sobre este aspecto, De Lemos (1999) procura contrapor os processos metafóricos e metonímicos à figura da curva-em-U, representada empiricamente pela literatura psicológica, onde acertos precedem erros que, enfim, são reorganizados e transformados em acertos. A autora faz uma releitura dessa curva, partindo da noção de posição, derivada do estruturalismo. Assim:

1ª posição: o fato de que a criança acerta, mostrando uma fala que contém fragmentos especulados da fala do adulto, atesta que a criança encontra-se circunscrita à fala do outro, em uma primeira posição de falante;

2ª posição: o fato de que a criança *erra* (após *acertar*) mostra um falante submetido ao movimento da língua, considerando "os processos metafóricos e metonímicos como circunscritos a um efeito de semelhança ou espelhamento entre cadeias que, ainda que originárias do outro, ganhavam seu estatuto na língua, a saber fora da esfera do outro" (De Lemos, 1999:15);

3ª posição: o fato de que há um desaparecimento dos erros, o que coincide com a ocorrência de pausas, reformulações e auto-correções, com reconhecimento dos erros, configura um deslocamento do sujeito falante em relação à sua fala e à fala do outro. Nesta posição também se observa o funcionamento dos processos metafóricos e metonímicos, uma vez que há o reconhecimento das substituições realizadas. Há um movimento de **assemelhamento à fala do outro**.

Acredito, com Freire (2000), que esta terceira posição possa vir a ser um lugar interessante para se pensar a origem da gagueira, porque nela é observado que as crianças apresentam hesitações, repetições de sílabas e palavras, prolongamentos de sons, pois estão submetidas ao movimento da língua e da fala do outro, o que pode gerar um efeito de gagueira.

> *"Pode-se pensar que a interpretação da fala da criança pelo outro nem sempre se apresenta com os mesmos efeitos, ou seja, pode caminhar em direções diferentes daquelas observadas pelos estudos em aquisição de linguagem. Quero dizer que a interpretação coloca em cena não qualquer adulto e qualquer criança mas um certo adulto e uma certa criança" (Freire, 2000: 05).*

O adulto, muitas vezes, interpreta a fala da criança nesta terceira posição como gaguejante. É comum, neste caso, um discurso autoritário, que situa a criança em uma relação de ordem de cima para baixo. O discurso do adulto é impregnado de ausência de reversibilidade: *Fale direito! Respire fundo! Pense antes de falar!*. A fala do adulto não situa a

criança na direção do seu “erro”, mas parece conduzí-la a identificá-lo em qualquer lugar do seu corpo, nela toda. Assim, quando a criança se desloca em relação à sua fala e à fala do outro, buscando assemelhar-se ao outro, este outro pode interpretá-la como sujeito gaguejante. Neste caso, o efeito do outro na criança pode deslocá-la a recusar-se a falar, utilizar estratégias variadas, como bater os pés, mãos, na boca, ou canalizando a tensão trazida pela possibilidade discursiva para outro órgão do corpo, ou mesmo substituir palavras por outras que considera mais fáceis. A partir daí, de sujeito falante assemelhado ao outro, depara-se com a diferença, o não-assemelhamento, podendo passar a sujeito gago, silenciado pelo outro.

É importante esclarecer que esta é uma possibilidade de se compreender um processo de aquisição de linguagem peculiar, interpretado pelo outro como gagueira. Não é minha intenção neste momento, estabelecer uma relação de causalidade, uma vez que a linguagem é sobrederminada, não trazendo em si uma relação causa-efeito, mas levantar uma possível questão, já que há uma dissonância entre os vários discursos na literatura.

2.4.2. Sobre o lugar da gagueira:

Conforme delineei, anteriormente, acredito que a gagueira encontra-se situada em um espaço diferente do que até então foi proposto pelos

pesquisadores da área. A gagueira não está no sujeito, nem no ouvinte, mas se encontra no espaço intervalar – no discurso.

Os sujeitos que fizeram parte de minha análise identificam a gagueira neles próprios, na língua, no telefone, no outro. O sujeito se remete à sua gagueira como dificuldade materializada em um significante, ou em um objeto, ou com um ouvinte determinado. Neste sentido, sob o ponto de vista dos sujeitos em estudo, teríamos:

a) A gagueira está si – neste caso, o sujeito se coloca na posição de incapaz de produzir certos fonemas, aos quais, de antemão, atribui a certeza do erro;
b) A gagueira está no objeto que serve de intermediação (telefone, livro, jornal) – neste caso, o sujeito é silenciado ou colocado na posição de gago como efeito deste objeto;
c) A gagueira está no outro – neste caso, há um deslocamento da posição de sujeito falante para sujeito gago ou silenciado, como efeito de falar a um certo ouvinte.

Há um desencontro entre onde está a gagueira sob o ponto de vista do funcionamento da linguagem e sob o ponto de vista do sujeito (gago). O primeiro é conhecimento científico; o segundo, empírico. No discurso do sujeito (gago), ele retira do outro a sua função de intérprete do discurso, assumindo a visão do outro como a de alguém que é intérprete dele enquanto sujeito gago (ver conceito de *antecipação* de Orlandi (1987; 2000),

no item 2.2. Neste caso, o outro não é alguém com quem o sujeito (gago) conversa, mas é aquele que tem por objetivo, apontar seus erros, lembrando-lhe todo o tempo de que é gago. Isto é algo que ele antecipa do outro, mas que não está no outro.

Precisamos sair desses espaços cindidos, separados, a fim de compreender que o espaço de constituição do sujeito é sempre uma posição em relação a. Este conceito não é reconhecido pelo sujeito gago, uma vez que este se vê sempre como gago, cristalizado em apenas uma posição. Compreender o sujeito enquanto posição implica em possibilidade terapêutica, uma vez que a *doença* não está no sujeito, mas numa posição discursiva na relação com o outro.

2.4.3. Sobre a oposição língua e fala:

Quanto aos conceitos de língua e linguagem, aproprio-me das definições de Milner (1987), quando diz:

> *"Apresenta-se a nós um conjunto de realidades que nós chamamos **línguas**. De fato, nós hesitamos muito pouco em lhes atribuir este nome – a todas e a cada uma – como se dispuséssemos sempre de uma regra que nos permitisse, uma vez uma realidade dada, determinar se ela pertence ao conjunto ou não. Isto supõe invencivelmente algumas propriedades definitórias, comuns a todos os elementos que merecem o nome de **língua** e exclusivamente representada por estes. Que por abstração se confira a estas propriedades um ser autônomo, e obter-se-á o que se chama **linguagem**: nada mais em si mesmo do que um ponto a partir do qual as línguas podem ser reunidas em um*

> *todo, porém um ponto ao qual se conferiu extensão ao se acrescentarem aí propriedades enunciáveis".* (*ibidem*:11, ênfase do autor)

A língua (sem sujeito) é um sistema de regras regidas por leis próprias. De Lemos (1992) compreende a noção de língua como funcionamento (processos metafóricos e metonímicos) e a noção de sujeito capturado por este funcionamento. Vieira (1997) questiona exatamente a tensão existente entre o sujeito e a língua/linguagem, para afirmar que o saber (da língua) é *insabido* e, sendo assim, "estamos falando aqui de um sujeito cindido, de um sujeito que não pode decidir sobre "acerto" e "erro", por exemplo. Quem, afinal, decide errar?" (*op.cit*.:67). Saussure (1987) opõe língua à fala, considerando que a primeira relaciona-se ao coletivo e ao fato social e a segunda, é qualificada como individual, acessória e secundária ao funcionamento da língua. Veyne (*apud* De Lemos, 1995.b:12) afirma que "uma palavra parece sonora desde que não seja absorvida pelo significado", o que nos leva a pensar que quando falamos ou escutamos o outro falar, não é o som das palavras que apreendemos, mas o seu sentido.

Na ordem discursiva, há uma tensão entre língua e fala. Esta tensão é estruturante e determina todo o dizer, de tal modo que linguagem é a articulação de língua e fala. Na poesia, há um efeito de desarmonia entre os eixos metafórico e metonímico. Jakobson (1995) afirma que o primado de um processo sobre o outro influencia correntes literárias, como as escolas romântica e simbolista, visivelmente metafóricas e a corrente literária realista, predominantemente metonímica. Nas canções líricas russas, há uma preponderância de metáforas; já na epopéia heróica, excedem-se as

construções metonímicas. No Brasil, um exemplo clássico de canção predominantemente metafórica é "Pedro Pedreiro", de Chico Buarque. O efeito poético trabalha neste desequilíbrio. No discursivo, uma desarmonia nesta tensão, por si só, não gera a patologia, a não ser que haja o efeito de estranhamento, que gera no outro atribuição de sentido do patológico. No caso da gagueira, o sujeito aliena-se[11] na língua ou é silenciado pelas condições de produção, como veremos no próximo capítulo. Em ambos os casos, há um desequilíbrio desta tensão.

Aquilo que se encontra na ordem discursiva é visível para o outro e, portanto, passível de nomeação. Neste sentido, a gagueira é exemplar, uma vez que gera um efeito de dispersão no ouvinte que, então, prende o sujeito ao significante "gago", restringindo o seu discurso, ou seja, opera um fechamento do não dito em dito. O sujeito gago utiliza estratégias defensivas de evitação ou adiamento da gagueira que, afinal, apenas a ratificam: substitui palavras, repete, bloqueia sons, realiza movimentos com a cabeça, bate o pé, a mão, desviando-se, ou não, do discursivo. Desta forma, ele atribui valor à forma, em detrimento do sentido, ou seja, aliena-se na língua. Além disso, o sujeito gago tem um dizer marcado pelo equívoco, com a certeza de que, em determinadas condições de produção, não

---

11. Neste trabalho, a palavra *alienação* terá um sentido que irá além do assujeitamento, ou seja, significará um privilégio que é dado pelo sujeito às regras inerentes à língua. A liberdade no eixo metonímico (da fala) está circunscrita àquilo que a língua determina que pode ser dito (eixo metafórico). O discurso do sujeito se submete às normas da língua. *Alienação na língua* significa, assim, que o efeito da língua sobre a fala deixa de ser algo inconsciente e passa a ser aquilo que domina o discurso – um sujeito menos tomado pelo sentido e muito mais pela forma.

conseguirá falar sem gaguejar. É capaz de listar inúmeros sons, como o "p", "b", "t", ou palavras que, *a priori*, está certo do fracasso. Provavelmente, há determinadas condições de produção que trazem como efeito a gagueira, uma vez que o sujeito gago acredita que o outro o silencia, colocando-o na posição de gago.

No discurso do sujeito que apresenta gagueira, há uma evidente desarmonia entre **fala** e **língua**. O sujeito permanece submetido à língua, na medida em que afirma não ser capaz de produzir determinados significantes, relacionando-os aos seus sons iniciais, ficando a linguagem à deriva, indo para qualquer lugar, onde ele não tem mais ação sobre ela. Parece que o sujeito gago ouve apenas a língua (os fonemas, as palavras...), confirmando a citação de Veyne, neste capítulo, ou seja, aliena-se na língua, perdendo a posição de falante.

3º CAPÍTULO: ANÁLISE DO DISCURSO: DE TEORIA A PROCEDIMENTO

Neste capítulo, pretendo alçar a AD, não mais como teoria, presente no segundo capítulo deste trabalho, mas agora, como procedimento de análise. Para tanto, é necessário destacar alguns conceitos que serão pontos de ancoragem da minha análise.

A noção básica é a de funcionamento da linguagem, retomando aqui que a autonomia da linguagem é relativa, uma vez que dele tomam parte as condições de produção (mecanismo de situar os protagonistas e o objeto do discurso). A relação entre o lingüístico e o discursivo é a relação existente entre condições materiais de base (língua) e processo (discurso), ou seja, funcionamento. Vista sob este ângulo, a língua é condição de possibilidade discursiva. Funcionamento discursivo é, pois, "a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um locutor determinado, com finalidades específicas" (Orlandi, 1987:125).

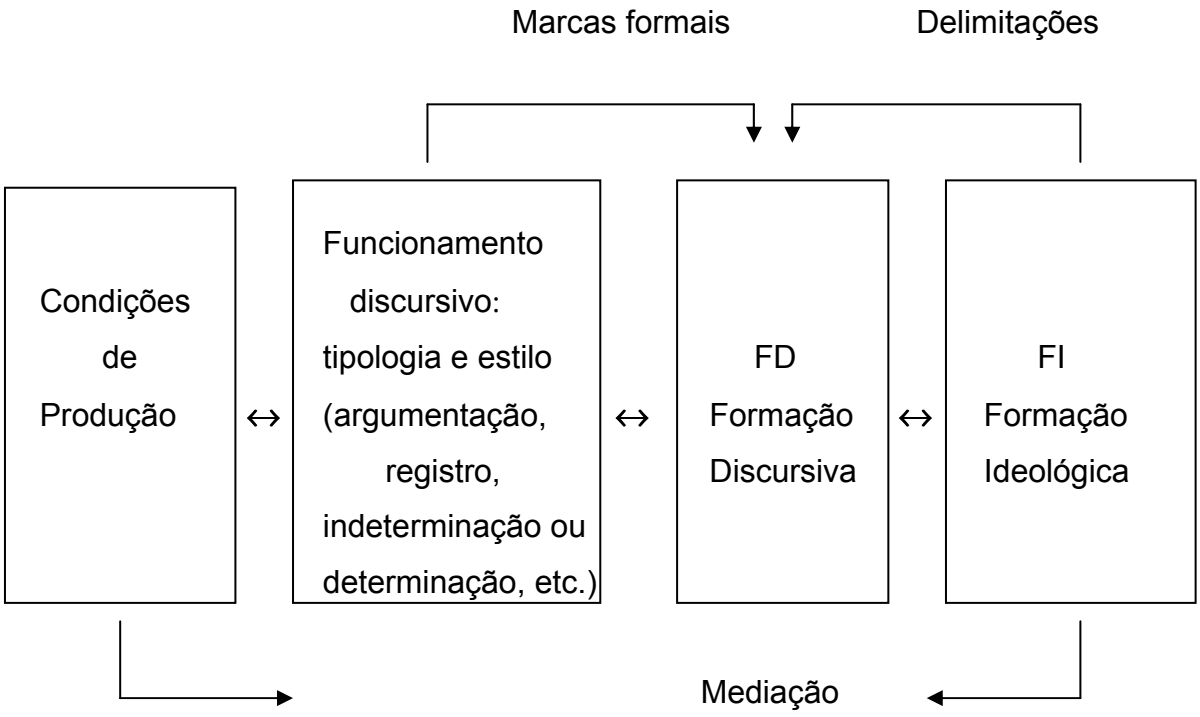
Há duas questões básicas relacionadas aos *esquecimentos* (ideologicamente) constituintes do sujeito, de que nos fala Pêcheux (1988). Em primeiro lugar, o sujeito tem a ilusão de que é a **origem do seu dizer**. "Como os processos discursivos se realizam necessariamente pelo sujeito, mas não têm sua origem no sujeito, ao falar o sujeito se divide: as suas palavras são também as palavras dos outros" (Orlandi, 1993:79/80). Em segundo lugar, o sujeito tem a ilusão de que o que é dito por ele apresenta um **sentido único**. Esta é uma ilusão no nível enunciativo, ou seja,

"esquecimento que produz no sujeito a impressão da realidade do pensamento (ilusão referencial): impressão de que aquilo que ele diz só pode ser aquilo" (*ibidem*:98).

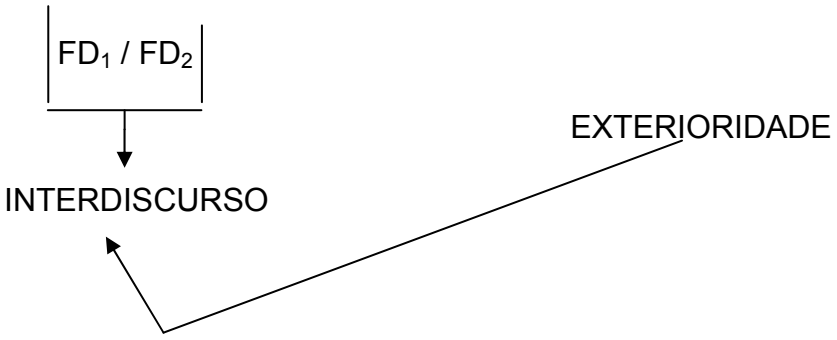
Outro ponto relevante é o das formações discursivas, caracterizadas "pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção" (Orlandi, 1987:132), definidas por sua relação com a formação ideológica. A formação discursiva tem a função de mediação. Porque não há relação direta entre linguagem e mundo, esta relação é atravessada por formações imaginárias.

Com o objetivo de facilitar a visualização do funcionamento discursivo, recorro ao esquema proposto por Orlandi (*op.cit.*).

FUNCIONAMENTO DISCURSIVO



As formações discursivas (FD) e a exterioridade se apoiam no interdiscurso, ou seja, memória do dizer; outros discursos já ditos que asseguram e sustentam o dizer, conforme podemos observar no esquema proposto por Orlandi, (1990:42):



Vale salientar que a exterioridade não tem o sentido de estar fora da linguagem, mas se encontra na textualidade. Trata-se, assim, de uma exterioridade discursiva. Além disso, um discurso não corresponde a apenas uma formação discursiva, uma vez que ele é heterogêneo e disperso, por constituição. É através da análise das diferenças das FD que observamos a historicidade do discurso. O procedimento de análise diz respeito, principalmente, à relação de paráfrases, observação de enunciados, relação com outros discursos, bem como à relação do discurso com as FD e das FD à ideologia. O ponto de partida é sempre o mesmo: a compreensão de que o sentido não é único e que o sujeito não tem o controle do que diz.

É necessário, ainda, estabelecer uma distinção entre propriedade e marca (traço), conceitos importantes no procedimento Análise de Discurso. A concepção de propriedade discursiva refere-se ao discurso, enquanto

totalidade, na relação do mesmo com a exterioridade. A de marca envolve a organização discursiva. As marcas (ou traços) "podem derivar de qualquer nível de análise lingüística (fonológico, morfológico, sintático, semântico) ou de unidades de qualquer extensão (fonema, morfema, palavra, sintagma, frase, enunciado, parte do texto, texto)" (Orlandi, 1987:259). Estabelecer o funcionamento específico de um discurso é, pois, determinar a forma de relação entre traços e propriedade (s).

A interpretação na AD está no lugar do efeito metafórico, enquanto deslize de sentidos, lugar do equívoco, ressaltando-o, e visa compreender o discurso do sujeito, destacando como um objeto simbólico é fonte de sentidos, determinando os gestos de interpretação que constituem esse discurso.

3.1. O Procedimento Análise do Discurso:

Há diversos procedimentos em Análise do Discurso, como por exemplo, o estudo de um texto em sua totalidade, procurando marcas que o caracterizam. Neste caso, analisam-se palavras ou frases-de-base que determinam a especificidade do texto. Uma outra possibilidade - escolhida para minha análise - é constituir recortes de discursos que tratem de um mesmo assunto e cotejá-los, através da análise das propriedades discursivas, com o objetivo de caracterizar quais funcionamentos discursivos estão sendo mobilizados pelos sujeitos.

Nesta dissertação, pretendo analisar os discursos de três mães que procuraram a clínica fonoaudiológica por considerarem que seus filhos apresentam gagueira e de oito sujeitos gagos em situação de terapia fonoaudiológica. É importante salientar que as mães e os sujeitos analisados não constituem relação parental. As sessões foram gravadas em fitas cassete, posteriormente transcritas e analisadas. Foram constituídos recortes discursivos[12], que melhor esclarecem a natureza da análise. As análises foram realizadas com base no funcionamento discursivo dos sujeitos e, em seguida, os diversos discursos confrontados (interdiscursividade) pela análise das propriedades discursivas, em particular. Procurei considerar a linguagem dos sujeitos, referindo-se à gagueira, como lugar de debate, de conflito.

---

12. "O recorte é uma unidade discursiva: fragmento correlacionado de linguagem – e – situação (...) os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um espaço menos imediato, mas também de interlocução, que é o da ideologia" (Orlandi, 1987:139/140).

3.2. O discurso de mães de crianças ditas gagas:

Legenda:

M – mãe

F - fonoaudióloga

3.2.1. Mãe de Fábio (5 anos):

M1 *- Não, sabe, eu ajudo... eu e meu marido ficamos mesmo angustiados com aquela dificuldade do Fábio prá falar. Assim: ele passa meia hora prá falar uma frase que a gente levaria quinze segundos, de tanto repetir e repetir e repetir. A gente deixa ele falar, mas pede prá ele respirar fundo, prá falar devagar...*

F1 *- E isso adianta? Funciona?*

M2 *– Ah! Num sei se adianta... Mas parece que o problema dele é que ele fala sem controle... parece que o pensamento dele é mais rápido que a fala e aí, respirando... é... mas agora, você falando, eu acho que não adianta mesmo, não muda nada. É. Ele fala do mesmo jeito.*

O efeito ideológico da lentidão da fala de Fábio aparece no discurso de sua mãe nomeado como angústia. No segmento M1, o discurso da mãe é ambíguo. A contradição entre *devagar* e *depressa* é evidente. A ideologia materializada neste discurso, tal como aquela que perpassa fábulas como a da tartaruga e a lebre, presente desde a época das olimpíadas gregas, parece privilegiar o veloz, em detrimento do lento. O registro de solicitação de fala lentificada marca a contradição. Fábio fala em meia hora o que os pais falariam em quinze segundos. A crença de sua mãe é de que ao insistir para que ele fale devagar (mais devagar?) e que respire antes de falar (o que é evidente que ele já faz) terá como efeito a sua fluência. O discurso da mãe sobre o seu filho é uma censura, que, provavelmente, o

silencia. Na verdade, a afirmação da mãe de que o pensamento é mais rápido do que a fala é equivocada, uma vez que relaciona ritmo e respiração à linguagem. O efeito é de retorno do mesmo, ou de ancoragem do sujeito ao significante. A mãe não doa sentido ao discurso de Fábio, não fala sobre o quê Fábio fala, mas de como ele fala, como se pode analisar em M1 e M2. Neste sentido, a mãe não se coloca na posição de interlocutora de Fábio, mas daquele que o julga, que analisa o que ele diz, sob o ponto de vista da língua, enquanto norma. Neste discurso, há um predomínio da língua sobre o sentido, com um deslocamento da posição de interlocutora para a de analista (ou inspetora?). Ao ser questionada sobre suas estratégias, a mãe acaba por concordar que geram o efeito inverso, ou seja, de retorno da disfluência, em M2.

3.2.2. Mãe de Júlia (2 anos e meio)

M1 *– Minha filha tem dois anos e meio e já tá gaga. Começou a gaguejar quando eu botei uma babá, prá poder ir trabalhar. Depois, tirei a babá... ela melhorou.*

F1 *- Ah! Aí ela melhorou?*

M2 *– Não. Quer dizer, melhorou, mas eu contratei de novo a mesma babá, porque eu num posso ficar sem trabalhar e ela tá gaguejando muito...*

F2*- É mesmo? Me diz uma coisa: e você e o pai? Como é que vocês lidam com esta fala? Vocês conversam com a Júlia? Como é que é?*

M3 *- Ó! O pai grita muito com ela, mandando ela calar a boca, senão vai piorar! Eu, tento só ajudar, pedir prá ela falar devagar... mas às vezes, perco a paciência também e mando ela se calar...*

O discurso da mãe de Júlia mostra o efeito que a gagueira de sua filha gera nela, parecendo sinalizar ansiedade e preocupação, uma vez que a filha tem dois anos e meio e está gaguejando. Ao referir que a criança

"melhora" na ausência da babá (aproxima-se da mãe) e "piora" na presença da babá (distancia-se da mãe) aponta para as condições de produção, uma vez que há interlocutores diferentes. Apesar de não se saber se, efetivamente, a criança "melhora", ou não, com a mãe, para o sistema de crenças de sua mãe, a babá não pode ser melhor do que ela. Decorre daí o discurso de que com a mãe há mais fluência (ou menos gagueira). A babá foi re-contratada e Júlia voltou a gaguejar. Atualmente, os pais assumem estratégias discursivas que, em última instância, alienam a criança na língua (falar devagar) ou no silenciamento (o pai grita com ela, manda calar a boca... às vezes, perco a paciência também e mando ela se calar! – M3). Talvez este discurso possa nos remeter à afirmação de que "se a criança tem a impressão de que todo acesso a uma palavra verdadeira lhe é vedado, pode em certos casos procurar na doença uma possibilidade de expressão" (Mannoni, 1980:65).

3.2.3. Mãe de Maurício – 6 anos

F1 *- Eu acho que o mais sério é que o Maurício não tem espaço pra falar...*

M1 *– Mas ele gagueja muito, você não imagina! E não sou só eu não,*

você acha? O pai , o tio, a irmã, ninguém tem paciência pra esperar ele terminar e aí, todo mundo, todo mundo, sem exceção, fala por ele.

F2 *- É mesmo? Como será que ele se sente falando pela boca dos outros?*

M2 *– (Risos) É. Acho que ele não gosta não.*

F3 *- É. Eu acho que desse jeito, ele não é dono do dizer dele, ele é interpretado o tempo todo por todo mundo... Ele não pode ser ele mesmo sem linguagem, não acha?*

M3 *– É. Acho que você tem razão...*

No discurso da mãe, Maurício não é sujeito da sua própria linguagem, porque a família não permite que ele o seja. Todos, sem exceção, como diz a mãe, falam por ele. Como refere Anzieu, A.:

> *"A mãe do gago é, em sua essência, insatisfeita especialmente com o filho... essa insatisfação adquire*

> *múltiplas formas, sendo a mais banal aquela em que* ***a mãe fala sempre no lugar do filho****, uma vez que ele 'fala mal', 'tem dificuldade em falar', etc.... a criança reage com o afeto mais primário, a angústia"* (Anzieu, A., 1997:166/167, ênfase minha).

Maurício não é autor da sua própria linguagem, não pode ser ele mesmo... é mais que silenciado, é destituído da sua posição de sujeito, ao ter seus desejos interpretados pelo outro, que lhe toma (sem o seu consentimento!) a voz e a linguagem.

3.3. Análise da propriedade dos discursos das mães:

O discurso das mães sobre seus filhos é predominantemente autoritário. Os sujeitos são excluídos; em seus lugares, está a gagueira. As mães deixam de lado a linguagem das crianças, remetendo a fala à forma e não ao sentido. A propriedade que caracteriza o discurso das mães é a não-reversibilidade, havendo uma prevalência de discursos autoritários extremos entre pais e filhos. Nos recortes discursivos analisados, a criança é permeável à correção do adulto, há o reconhecimento da fala dela como erro, porém não há auto-correção. O sujeito não pode se deslocar, buscando assemelhar-se ao outro, porque não é ele enquanto sentido que está em questão – é sempre sua gagueira. Os pais negam a possibilidade de ele ser. Na aquisição da linguagem, a correção do outro indica uma

direção – erro e acerto são identificados – e a criança pode se deslocar, articulando língua e fala. Nos casos dos sujeitos em análise, a criança não pode localizar o erro, porque ele não incide em um lugar em particular, sob o ponto de vista da esfera semântica, sintática ou morfológica. No discurso ambíguo dos pais (fale, mas não fale), eles não indicam que o erro está no discurso, mas na criança. Não lhe oferecem a possibilidade de se colocar como sujeito do seu dizer, apenas a silenciam. A assunção de uma posição discursiva lhe é negada também. Nestes casos, a interpretação do outro deixa a criança à deriva, e esta passa a identificar a gagueira em qualquer parte de si própria, sofrendo como efeito a paralisação em uma dada posição discursiva. Os discursos das mães remetem a gritos, solicitações de que fale mais devagar, ou mesmo a *empréstimos* de voz à criança. São discursos autoritários levados a um excesso, silenciadores, que acabam por apagar o sujeito, identificando o discurso da criança, não a um discurso com momentos de gagueira, mas assujeitado/submetido à posição em que a criança é colocada, ou seja, a de sujeito gago.

3.4. O discurso dos sujeitos[13] com gagueira:

"Tudo significa e contudo tudo é surpreendente". (Barthes, 1990: 122)

Passo agora ao trabalho de análise discursiva dos sujeitos gagos, onde, para a transcrição, foram utilizadas algumas notações gráficas,[14] com a finalidade de explicitar aspectos lingüísticos importantes à compreensão da dimensão temporal dos discursos.

---

13. Com o objetivo de preservar as identidades dos sujeitos, todos os nomes são fictícios.

14. Notações gráficas:

letra em negrito /sublinhada - bloqueio do som, acompanhado de tensão muscular.

___ - prolongamento do som.

/ - repetição de sílabas, palavras ou frases.

Letra maiúscula. - inicial do nome do sujeito em estudo.

F. - Fonoaudióloga

3.4.1. HELENA, 20 ANOS

RECORTE DISCURSIVO 1

F1 - E o que você tem observado?

*H1 – O quê? Deixe-me ver... eu acho que já passou aquela **b**aixa estima, sabe, que eu tinha, em relação a mim mesma, acho que já tá superada, assim, claro que incomoda assim, sempre que eu me **v**ejo assim, é, em situação de risco, vamos dizer: **t**elefone, aquele velho alô que nunca sai, aí vêm os **t**ruques, mudo: **p**ronto! Pois não! Sabe? ....*

*H2 - Eu tô falando com **v**ocê aqui, quando eu sinto que vou gaguejar, dá aquele estalinho... a partir dali, fico **p**ropensa a ficar sempre... é um círculo vicioso, depois da **p**rimeira vez que você gagueja...*

RECORTE DISCURSIVO 2

*H3 - **P**or exemplo, às **v**ezes assim, vamos supor,dá R$ 6,50, digo meia-cinco-zero, sabe? Aí, é, dá, sei lá, dá 1 e 60, digo: um-meia-zero/ um-meia-cinco. Às **v**ezes, não digo seis e já fico evitando essa **p**ossibilidade, né?*

F2 – Quando você menos imagina, já está pensando em como vai falar?

*H4 – É. Não, já. **C**omeço **p**ensando, é... do mesmo jeito que a fala é automática, **p**ensar em falar pra mim é automático, já...*

RECORTE DISCURSIVO 3

F3 – Mas então você se sente representando papéis?

*H5 – Eu me sinto sempre representando **p**apéis, nunca sou eu*

mesma.

*H6 - Eu sempre acho que **t**odo mundo está só es**p**erando eu **g**aguejar...*

RECORTE DISCURSIVO 4

*H7 – Tem **p**alavras, assim... que eu já tirei, assim... do meu voca**b**ulário.*

F4 – É mesmo? Quais são elas? Você lembra?

H8 – Não, não...

*H9 - Agora, se começar com pê, efe e vê é **p**ior, aí, eu já sei que não vou **c**onseguir falar e aí, ou eu **d**esisto, ou troco, ou se eu tiver que falar assim... **p**orque tem **p**alavras que não dá mesmo...aí, assim... eu **d**isfarço... **c**oço o/o nariz... a**p**erto as mãos, fico assim, **b**atucando na mesa... já...*

F5 - O que mais você faz?

H10 - Num sei...

F6 - Você, algumas vezes, inclina a cabeça pra trás, abre muito a boca, bota a língua pra fora, treme a língua... A gente já conversou sobre isso, né?

Helena, em H1, relaciona baixa auto-estima ao que chama metaforicamente de "situação de risco", ou seja, as situações em que reconhece a possibilidade de gaguejar. Situação de risco significa "encontrar-se na iminência de", "expor-se ao perigo ou possibilidade de perigo" – perigo de gaguejar.

O telefone é uma situação de risco, porque, de antemão, ela já supõe que falhará. "O velho alô" (tão banalizado!) é percebido por ela como um significante que a cristaliza numa posição que atesta a sua gagueira, tornando-a transparente. Como deslocá-lo? Ratificando a própria gagueira: "não consigo dizer alô, digo "pronto!", "pois não!". A estratégia, na verdade, reafirma a gagueira, na medida em que anuncia a falha do sujeito. Há uma previsão do erro. Antes que ele ocorra, há um indício (no caso de Helena, o "estalinho", em H2) – a certeza de que se tentar falar, gaguejará. Algo deve ser colocado neste lugar, no lugar do equívoco. Este algo pode ser a substituição de um significante por outro, ou fugir do discursivo, como

indicado em H9 e F6, inclinando a cabeça para trás, abrindo a boca, protruindo e tremendo a língua, batendo as mãos na mesa, tocando no nariz e outras posturas semelhantes, ou ainda desistir de falar, silenciada pelas condições de produção (H9). Na certeza *a priori* do equívoco, há a necessidade imediata de fazer algo que a desloque da cristalização na língua. Só que Helena permanece condensada no mesmo eixo metafórico. A metáfora "estalinho" anuncia a gagueira e paralisa Helena. Neste estado, o sujeito passa a esperar pelo *estalinho*, para que possa substituir a palavra trazida por ele por outro significante e, em seguida, entrar novamente no processo de aguardá-lo, processo nomeado por Helena de "círculo vicioso", a circularidade em que o significante a prende, em H2.

No enunciado H3, observa-se a alienação na língua, onde seis e cinqüenta desloca-se para meia-cinco-zero. Dizer seis é difícil, mas ela o diz quando se refere ao que faz com a fala, o que quer dizer que são as condições de produção e não o significante que carrega a gagueira, o que parece apontar para o lugar da gagueira no espaço discursivo.

Helena se apropria do fato de que a fala é "automática", mas também de que pensar em como vai falar também o é (H4). A alienação na língua conduz à parada, ao silêncio. Para o sujeito entrar na ordem discursiva, ele desliza nos dois eixos da linguagem, ou seja, os processos metafóricos e metonímicos, sempre neste movimento de condensação e deslizamento. No discurso de Helena, há uma parada no eixo da metáfora. Ao necessitar dizer "seis", ela ouve o "estalinho" – situação de risco - e substitui "seis" por "meia", reafirmando a gagueira.

Em H7, a constatação de uma “redução de vocabulário” tem o sentido de silenciamento: “não consigo dizer tais palavras!” A partir daí, o próprio discurso se concretiza – estes significantes passam a não mais existir. Helena não duvida de que a gagueira acontecerá após o “estalinho” – ela tem certeza de que gaguejará.

Em H5, há uma paráfrase, onde Helena retoma e expande o enunciado anterior. Ela se reconhece representando papéis: é o que interpreta que o outro espera dela. Em H6, há uma cristalização deste discurso: Helena identifica o outro como encontrando-se na expectativa da sua gagueira. O outro espera – ela representa um papel – não é ela mesma. Na verdade, está sempre nesta posição onde interpreta que a fala do outro a coloca – posição de sujeito gago – representando o papel de gaga (expectativa do outro). O ponto de referência dela é sempre o outro, aquele que a prende ao significante “gago”. Nesse movimento de fala e língua, ou de processos metafóricos e metonímicos, um faz andar, o outro faz parar. Como Helena se coloca numa posição de sujeito submetido à interpretação que o outro realiza dela, permanece no eixo metafórico e não desliza. Ao mesmo tempo, no momento em que metonimiza, não consegue fechar o discurso, como em H2, H4 e H9.

3.4.2. CAROLINA, 15 ANOS

RECORTE DISCURSIVO ÚNICO

C1 – Eu acho assim, sabe, que você fala no telefone com uma pessoa e eu acho que ela, não sei qual a reação dela, se ela vai tá rindo de mim, ou se perde a paciência. Sei lá a reação dela do outro lado da linha, principalmente pessoas que eu não conheço. Eu ligava e não conseguia falar. Todo mundo fala normal na hora que eles quiserem e eu não consigo.

C2 - Falo melhor com o povo lá de casa: meu pai, minha mãe, meus irmãos. Mas com o povo que é desconhecido, piora tudo, sabe? Eu morria de medo de entrar em loja, até tinha levado Luciana comigo para comprar uma calça e uma blusa. É que eu fico constrangida, porque Luciana falava normal como

todo mundo. Luciana pediu a calça e a moça perguntou a ela se eu era muda.

F1 – É mesmo?

C3 – É. Que vergonha, né? Mas hoje eu tô completamente diferente. Hoje, eu vou sozinha mesmo comprar minhas coisas, sabe? E o telefone, então, mudou muito. Antes, eu separava o... aquele negócio, o bocal, né, da parte de ouvir do telefone.

F2 – Como assim?

C4 - Assim: quando eu tava falando, eu não ouvia e quando ouvia, eu não falava.

F3 - E o que muda? Não é assim mesmo? Ora a gente ouve, ora a gente fala.

C5 - Não. É assim: (C. me mostra o que fazia: fazendo os dedos de telefone, afasta o bocal da boca, quando está ouvindo e aproxima-o da boca, afastando o receptor do aparelho de seu ouvido, quando

está falando). Aí, era mais fácil, porque eu podia falar sem ouvir...

F4 - Ah, tá! Agora eu entendi. Mas o que era que você não podia ouvir?

C6 - Sei lá. Eu tinha medo de falar e ouvir ao mesmo tempo. Não sei... Olha, eu tô me lembrando de uma coisa: uma vez, eu tava falando com minha tia e eu tinha que responder "terça-feira". Não saía terça-feira de jeito nenhum. Aí, sabe o que que eu fiz? Falei: peraí! Larguei o telefone e fiquei ensaiando: terça-feira, terça-feira, terça-feira, peguei o telefone e disse: terça-feira! Nem disse nada antes, só isso!

Existem posições discursivas potencializadoras da gagueira. A língua por si só não desloca o sujeito para a posição de gago, uma vez que o sujeito gago refere falar bem quando sozinho. Logo, para que haja gagueira, é absolutamente fundamental existir um outro. Este outro deve ocupar a

posição de intérprete, o que não ocorre quando o interlocutor é uma criança pequena, porque está claro que o sujeito não a considera capaz de interpretá-lo como gago. Se, nas formações imaginárias do sujeito, o ouvinte é tomado como hierarquicamente superior, ou como mais crítico, exigindo uma produção discursiva outra, então o sujeito pode ser colocado em uma posição de gago.

Em C2, a família parece representar um ouvinte menos exigente, que não cobra tanto, permitindo à Carolina desestabilizar-se da posição de sujeito gago para fluente. Já o interlocutor desconhecido, emudece-a. O discurso de Carolina ratifica as condições de produção como determinantes da gagueira. Novamente, há a confirmação do espaço discursivo/intervalar como o lugar da gagueira.

O telefone, ou melhor, aquele que fala do outro lado da linha, deslocado pela metaforização, para o físico, o aparelho telefônico, coloca o sujeito gago em uma posição de gago. "Não sei qual a reação dele, se ela tá rindo de mim, ou se perde a paciência. Sei lá a reação dele do outro lado da linha!" (C1). Aquele alguém do outro lado da linha não é real – é imaginário. O desconhecido assusta, como referido em C1. Provavelmente, o outro imaginário deseja ouvir rapidamente algo, caso contrário, desliga o telefone – é trote! Este outro ocupa uma posição discursiva que prende o sujeito ao significante gago, silenciando-o. No discurso de Carolina, em C5 e C6, para o outro emudecê-la, basta falar. É suficiente que o outro esteja em uma dada posição discursiva, no lugar de intérprete ou analista (a língua) do seu discurso. Para que ela fale, deve

emudecer o outro. Como? Não ouvindo. Em C6, quando largou o telefone e ensaiou “terça-feira”, assumiu a posição de “surda”. Neste caso, se só falante, não gaga; se só ouvinte, não gaga; se falante e ouvinte, então, gaga.

As posições discursivas de Carolina se diferem pelo tipo de interpretação que fazem da fala do outro. Quando se assentam sobre o sentido, não há porque gaguejar; quando desviadas para a forma, geram o efeito de censura, que tanto pode se dar sob o efeito do silêncio, como sob o efeito de reposição de fragmentos discursivos, deixando o sujeito a mercê da forma, submetido ao movimento de repetição, de retorno a um mesmo, que o prende nesta posição.

3.4.3. ROBSON, 26 ANOS

RECORTE DISCURSIVO 1

F1 – Aí, você tava falando que o efe é mais difícil. Por que é mais difícil?

*R1 –Acho que não sai bem, acho que você se es**f**orça mais se falar o efe.*

F2 – Força como?

*R2 – Por exemplo, quando a palavra for "feio" , quando é fa... fa, fe, fi, fo, fu, por exemplo, só o efe, aí **p**rende mesmo.*

F3 – Prende? O efe prende? Ele estica, olha: f--------- (prolongo o fonema)

*R3 – Veja bem: me... menina – me – ni – na, o me também prende. Só/só sílabas que quando eu **f**alo, eu fico confuso... prende.*

F4 – Prende como?

*R4 – Prende os lábios. Agora, aí eu tento **f**orçar demais, aí é que não sai mesmo.*

F5 – Porque se forçar, é pior.

R5 – É pior. No efe, no ene, no eme... Ah! E tem também "pra": pê erre . Pronto. No pê mesmo, é/é/é...

F6 – Tá. No pê, mesmo que não seja grupo consonantal, sem o erre.

R6 – Hum-hum.

F7 – Tem algumas palavras

que você não usa, tipo assim: já tirou do seu vocabulário?

R7 – Tem, sim. As palavras assim, que têm/que têm/que têm é/é eme,efe, que ela seja grande,,,

F8 –Você lembra algum exemplo?

R8 – Não, agora não. Mas tem muitas... muitas que eu num falo não.

F9 –Procura observar isso, tá bom? A gagueira normalmente ela-ela tem um-um sentido pra acontecer, não é? Se você cisma com determinado som e acha que não vai conseguir falar... certamente, não fala mesmo, né? Gagueja, porque já imagina de antemão que vai gaguejar. É como o andar, né? Imagina se eu fico com medo de dar cada passo... agora, eu vou cair, agora, eu vou tropeçar...

R9 – Aí, cai...

F10 – Deve cair, né? Na fala é a mesma coisa. Eu tô falando

com alguém e tô pensando: esse som eu não vou conseguir, essa palavra não sai... aí, eu substituo, coloco outra no lugar, ou então, se eu falar, eu vou gaguejar, né? Porque eu já antecipei que ia gaguejar... na palavra anterior, você já sabe que naquela seguinte você vai gaguejar.

R10 – Exatamente.

F11 – É claro que você vai gaguejar mesmo, né? A gente tem que saber também porque que tá acontecendo, então voltar naquela palavra anterior, aquela que determinou que a seguinte ia ter gagueira, entendeu? O sentido que tem isso, entendeu? Porque eu acho que a gente não gagueja em qualquer lugar, em qualquer palavra...

R11 – Eu acho.

RECORTE DISCURSIVO 2

R12 - Olhe, eu tô numa mesa de bar e fico querendo conversar com um amigo, né? Me lembro de um caso interessante, um doente interessante... Podia falar desse caso, ver o que ele acha... um sujeito mais velho, né, mais experiente... mas acabo ficando calado, porque eu fico pensando que se eu falar, eu vou gaguejar, aí, é melhor não falar.

F12 – Aí, você se cala.

*R13 – É. Só se eu beber. É muito engraçado. Se eu **b**eber, eu me solto e aí, num gaguejo. Falo, falo, falo, passo a noite falando e nem me lembro da gagueira.*

F13 – Pra gagueira acontecer, você tem que se preocupar com ela, né? Bebendo, você não se preocupa com o não gaguejar...

R14 – É. É exatamente isso.

F14 – (risos) Mas como você não pode viver bêbado, né?

*R15– (risos) É. (risos) Num posso mesmo viver embriagado. Eu tenho é que **p**arar de me preocupar com a **g**agueira.*

O discurso de Robson é o discurso da língua. A língua contém de tal forma a sua linguagem, que esta não desliza.

Em R1 e R2, Robson afirma que o efe "prende". Em F3, procuro prolongar o significante trazido por ele, mostrando-lhe que ele pode fluir com suavidade, mas ele não me escuta, porque está preso a uma interpretação anterior, da língua, que está além do outro. Traz-me novo exemplo, agora do eme, insistindo na palavra "prende". Caminha em seu discurso, aprisionado pela língua, que lhe bloqueia completamente a fala. Na dicotomia língua e fala, mantém-se assujeitado pela dimensão de língua, enquanto sistema abstrato e fechado.

Meu discurso em F9, F10 e F11 tem o sentido de apontar para este aprisionamento, este dizer marcado pela certeza do erro. Em F9, faço uma analogia do processo discursivo ao de locomoção, ambos inconscientes, procurando marcar o não sentido de se tornar consciente algo que não o é. Em F10, transfiro o andar para a linguagem e enfatizo a determinação

discursiva que se traduz em “não vou conseguir dizer x”. Em F11, sugiro que reflita sobre o sentido da gagueira, sobre o que o leva a certificar-se de que determinada palavra será produzida de forma gaguejada. Procuro, desta forma, deslocar Robson desta posição de alienação na língua a sujeito falante submetido à ordem da língua, numa tensão natural entre língua e fala.

No recorte discursivo 2, Em R12, Robson relata uma situação informal, de bar, em uma conversa com um amigo. Há a motivação para falar, há um tema propício, o amigo tem a mesma profissão. O dizer é logo apagado pela alienação na língua, que o emudece. As condições de produção encaminham-no para o silenciamento.

A gagueira é um discurso que apresenta o sujeito antes mesmo que ele apareça: um discurso marcado *a priori*. A única forma discursiva que o sujeito gago encontra para desfazer este equívoco é o lugar onde este próprio é ratificado e transformado em verdade. Se coloca algo no lugar do erro, reafirma a gagueira. O outro fala de uma posição discursiva que tem como efeito sobre o sujeito gago uma fala gaguejada. Neste sentido, ao ser colocado pelo outro nesta posição, não tem saída: aliena-se na língua, ou é silenciado pelo outro.

Em R13, a bebida apaga a alienação na forma. Se Robson bebe, não gagueja. O falar é finalmente liberado e ele “fala, fala, fala” (R13). O efeito da língua sobre o discurso desaparece (ou melhor, mantém-se a tensão natural entre língua e discurso). Em F13, interpreto que a gagueira está relacionada a esta certeza *a priori* da falha e que quando ele bebe,

segundo relata, em R13, não se lembra da gagueira. Para gaguejar, é necessário pensar sobre a fala, torná-la objeto de controle. Se bebe, não pensa nela, não gagueja. Em R15, Robson conclui que necessita parar de se preocupar com a gagueira, parecendo ter reconhecido o efeito do processo de alienação na língua em seu discurso.

3.4.4. BRUNO, 15 ANOS

RECORTE DISCURSIVO ÚNICO

F1 – Que situações são mais difíceis pra você?

B1 – Ah! Sei lá, com os meus amigos...

F2 – Com os seus amigos?

*B2 – É. Quer ver? Sempre/sempre final de semana, a gente sai/sai/sai prum **b**arzinho... Fica lá, na s__exta, no s__ábado, sei lá, azarando, contando piada...*

F3 – Ah! É? Contando piada?

*B3 – É. Mas só que eu não **c**onsigo*

*contar, n__unca eu consigo... Meus amigos **c**ontam um monte de piadas... eu não consigo...*

F4 – Por que não, Bruno?

*B4 – Assim: eles contam, né? Aí, enquanto eles tão **c**ontando, eu nem **c**onsigo **p**restar atenção na **p**iada deles. Eu fico rindo, sem nem entender a piada deles. Porque enquanto eles tão_**c**ontando, eu fico o tempo todo, o tempo todinho, **p**ensando em uma **p**iada boa pra contar. Eu sei um monte de piada. Mas aí, eu fico pensando como é que **c**omeça, como é que acaba, fico com medo de não sair, de **g**aguejar, aí sempre eles acabam de contar, aí muda o assunto, né, aí eu vejo que não tem mais nada a ver, mais nada a ver, contar a piada...*

F5 – E você se cala, né?

*B5 – É . Eu num consigo. Eu fico achando que se eu a**b**rir a boca, eles vão rir da minha **g**agueira... Porque*

*eu num vou **c**onseguir contar a piada*

e vou ficar ga/ga__guejando, aí , fico

***c**alado. Entendeu? Num consigo...*

F6 – Como é que você sabe que eles vão rir da sua gagueira?

B6 – Ah! (silêncio)

F7 – Ficar em silêncio é mais fácil?

B7 – É. Eu acho que é. Pelo menos, eu num gaguejo...

Em seu discurso, Bruno afirma ser difícil estar com os amigos, porque estes lhe remetem ao desejo de falar, logo deixado de lado pela língua, sujeita à falhas (B3).

Em B4, afirma não conseguir prestar atenção às piadas dos amigos. Neste momento, quando nitidamente, se processa a ambigüidade entre *falar* e *não falar*, quando o primeiro termo é alienado à falha, o discurso dos outros perde o foco, colocando-o diante da língua. Bruno ouve apenas a língua: os sons, as palavras, que não fazem sentido algum. Encontra-se em uma posição de alienação na língua, perdendo a posição de falante. O medo da gagueira é maior do que o desejo de participar da conversa. O medo de “abrir a boca” (B5) leva-o a prever que se tornará motivo de

pilhéria. Novamente, é a interpretação que o sujeito gago faz do lugar que o outro lhe coloca que o submete à alienação na língua e também ao silenciamento, que no discurso de Bruno, em B7, tem um sentido de proteção, de acolhimento. Bruno escolhe o silêncio. Defende-se das possíveis risadas dos amigos, não dizendo. Prefere não ocupar o lugar de falante, escondendo deles as tantas piadas inéditas e manter-se em uma posição de quem desconhece (e apenas escuta) a expor-se à língua e, para Bruno, entrar na ordem da língua é alienar-se nela, é perder-se nos sons, sílabas, palavras, que não fazem qualquer sentido. Bruno considera que os amigos ririam da sua gagueira e não da sua piada. Rir da piada tem o mesmo sentido de rir dele mesmo. A piada é ele: o sujeito gago. Neste caso, reconhece que o outro o silencia e termina protegendo-se, ao se entregar e deixar-se envolver pelo silêncio.

3.4.5. JÚLIO, 28 ANOS

RECORTE DISCURSIVO 1

J1 – Tem umas palavras que eu não consigo falar... viaduto, por exemplo. Meu ponto é bem perto de um viaduto e as pessoas me pedem informação. Sempre a informação

tem relação com viaduto. Aí, eu fico arrodeando, arrodeando, fico tentando explicar o lugar sem falar viaduto... não tem outra palavra pra colocar no lugar... vou falar o quê? Ponte?

F1 – Viaduto... Por que você não fala viaduto, mesmo?

J2 – Num consigo. Eu gaguejo...

F2 - É mesmo? Você falou umas três vezes viaduto e não gaguejou.

J3 – Ah! Mas é diferente! Agora, eu tô te contando... num tô dando informação...

RECORTE DISCURSIVO 2

J4 – Se eu falar com qualquer pessoa, assim, eu não gaguejo. O problema é que eu não posso beber. Se eu tomar uma, ferrou... Ói, eu gaguejo tanto, mas tanto, que um amigo meu me disse que eu parecia

com o Tonho Gaguinho... é- é – é um cabra lá da rua...

F3 – E toda vez que você bebe... gagueja...

J5 – É. Toda vez, toda vez. Aí, eu saio com o povo e o que que eu faço? Num bebo. Num bebo nada. Só coca-cola, né?

F4 – E por que você acha que quando bebe gagueja?

J6 – É porque eu sou gago mesmo. Num tem jeito não.

F5 – É. Eu acho que é porque você controla muito a sua fala... aí, quando você tá bebendo, é complicado, né? Até porque, a bebida descontrola, né? Num dá pra controlar... não controla. E aí, gagueja.

Júlio é um sujeito que se reconhece como gago, mas que nenhum ouvinte, certamente, o interpreta como tal, porque ele não gagueja efetivamente. Refere, em J1, dificuldades específicas, como com a palavra "viaduto", que surge quatro vezes neste segmento, fluentemente. Conta que

no lugar de uma provável falha, utiliza-se de outras possibilidades discursivas que não sejam um sinônimo, já que desconhece um. A palavra *viaduto* tem o sentido de fluidez, porque permite o movimento do tráfego. No discurso de Júlio, contrariamente, tem o efeito de parada, de restrição.

"Na teoria da linguagem, desde a alta Idade Média, afirmou-se repetidas vezes, que a palavra, fora do contexto, não tem significado" (Jakobson, 1995: 44). Este autor relata o caso de um paciente afásico que, ao ser solicitado a repetir a palavra "não", respondeu: "*não*, *não* sei como fazê-lo" (*op.cit*.:46). Como se pode observar, este paciente era capaz de emitir esta palavra, mas havia perdido, segundo Jakobson (*ibidem*), a metalinguagem, ou seja, a capacidade de denominar. Penso ser interessante retomar este autor, lingüista, estudioso das afasias, esperando realizar uma analogia ao que ocorre no discurso de Júlio (e em outros discursos de sujeitos gagos analisados nesta dissertação). Parece que falar sobre o efeito de restrição da língua leva o sujeito gago a deslizar metonimicamente no discurso. A previsão do erro, diretamente vinculada às condições de produção, porém, o conduz à substituição desta palavra (eixo metafórico) ou à sua descrição (eixo metonímico).

Júlio aliena-se na língua, não porque considera que o outro o interprete como gago – ele sabe que o ouvinte não o nomeia, como afirma em J4, mas porque é a própria língua que bloqueia o seu discurso. Ele próprio se interpreta como gago (é um gago que não gagueja).

Ao contrário de Robson, que quando bebe não é gago, já que a bebida nele tem como efeito o deslocamento do aprisionamento da língua para uma fala fluente, Júlio não se permite beber (J5). Quando bebe, gagueja. O efeito da língua sobre o discurso parte dele próprio, já que Júlio é gago apenas para ele mesmo.

O efeito da língua em Robson está posicionado no outro – em Júlio, está nele próprio.

3.4.6. LEONARDO, 24 ANOS

RECORTE DISCURSIVO 1

L1 – É/é/é... eu num/eu num ligava não. Antes, eu só/eu só respondia.

F1 – Ah, tá! Qual era a dificuldade de ligar?

*L2 – É que **p**oderia ser, é... a **p**rimeira pessoa a falar... é que quem atender só precisa falar... é.... alô. A segunda... é... pessoa que ligava, né? É que teria que... é/é/é falar, né,*

que falar, né, que falar comigo. Pode ser isso aí.

RECORTE DISCURSIVO 2

*L3 - Eu tava no carro com **m**ainha, né, e a gente tava perdido/perdido, né? Aí, mainha falou/falou assim: **p**ergunta aí pra alguém... Eu abri/abri/abri o vidro, né? Mas aí, veio o freio/o freio, né, e eu falei: fala você...*

F2 – Me explica esse freio...

L4 – Uma parada/parada, né? Parou, num vai... penso assim: num vai, num sai, parou!

F3 - Sei. Num adianta tentar, que eu não vou conseguir falar...

L5 - É. Freio/freio... Num falo, para tudo. Mas tem também o freio pequeno...

F4 – Ah, é? Como é que é o freio pequeno?

L6 - Ah! É aquele freio/freio/freio que

prende só um pouco, que eu gaguejo, mas que eu consigo/consigo falar um pouco.

F5 – Sei. Então, antes de cada momento de gagueira, tem um freio pequenininho, que faz você ver que o que você vai falar, vai sair com gagueira...

L7 – Vai sair aos pedaços.

F6 – Vai sair partida.

L8 – Mas o freio grande é muito pior/ muito pior, porque não sai mesmo. Eu nem vi a pessoa/a pessoa. Veio o freio e eu não ia conseguir/ conseguir/conseguir mesmo.

F7 – Sei, Então, o freio grande te leva a pensar numa incapacidade pra falar – você não consegue. E o pequeno, numa dificuldade, mas não incapacidade. É isso?

*L9 – É isso. O grande pára tudo. O freio **p**equeno faz sair aos pedaços.*

RECORTE DISCURSIVO 3

*L10–A **g**agueira piora quando eu tô falando/falando/falando sobre ela.*

F8–É difícil falar sobre a gagueira.

*L11 –Mais ou menos/mais ou menos. O que é a **g**agueira? É o freio/o freio. Aqui, eu **g**aguejo mais.*

F9 – Você observa isso? Você acha que gagueja mais aqui?

*L12 – Acho/acho/acho. Porque aqui, você fica **c**utucando a ferida, né?*

F10 – É, mas precisa, né? Você tava falando sobre o que é a gagueira pra você e falou do freio...

*L13– S_____eria, né, s_____eria, né, esse/esse freio, essa **p**arada...né, inconsciente, né? Essa palavra/essa palavra chave: num vai sair! Assim: ônibus... eu freio, num vai sair, ou então, sai só aos pedaços.*

F11 – E por que que a gagueira

ocorre?

L14 – Num sei... Por falta de

<u>c</u>onfiança, né, talvez...

F12 – Falta de confiança em quê?

L15 – Naquela palavra. Ou frase.

No recorte discursivo 1, Leonardo relata sua dificuldade com o sujeito que se encontra do outro lado da linha, metaforizado por *telefone*. Segundo ele (em L1 e L2), não havia problema em atender, mas em ligar, solicitar a atenção do outro. Para Leonardo, telefonar para alguém é uma condição de silenciamento. Ele se coloca na posição de quem não pode falar, apenas responder, isto é, só se encontra possibilitado a falar se for convidado a fazê-lo. Para convocar o outro, precisa falar. Se for convidado a falar, então pode optar: falar apenas "alô" (L2) ou não falar – a demanda é do outro, daquele que liga.

No recorte discursivo 2, Leonardo conta que foi convocado a solicitar uma informação e chegou a abrir o vidro do carro, disposto a obtê-la. Subitamente, "veio o freio" e ele se viu impossibilitado de falar.

No discurso de Leonardo, há um deslizamento de sentidos - efeitos metafóricos - uma migração de significantes, todos pertencentes a um mesmo campo semântico: em L3, a metáfora *carro* puxou o significante *vidro*, que trouxe o *freio*; em L4, o freio é deslocado para *parada*; em F6,

associo que a fala sai *partida* (partida do motor - movimento do carro); em L13, ainda se referindo ao freio, há nova migração, desta vez, para *ônibus*.

> *"A definição de efeito metafórico permite-nos, pondo em relação discurso e língua, objetivar, na análise, o modo de articulação entre estrutura e acontecimento. O efeito metafórico, nos diz M. Pêcheux (1969), é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo tanto do sentido designado por x como por y" (Orlandi, 2000:28).*

Em F5, há uma paráfrase, onde procuro retomar e expandir o segmento anterior.

O freio de Leonardo tem o mesmo sentido do "estalinho de Helena: anuncia a gagueira, assegura-lhe o erro implacável.

Refere ainda dois tipos de freio (duas metáforas do mesmo, criadas pelo sentido atribuído pelo sujeito): o freio grande (L11), onde a "parada" é tão intensa que o silencia, mesmo na ausência do outro, como atonitamente descreve em L15; e o freio pequeno (L13), que tem o sentido de apontar o equívoco – não o silencia, mas coloca-o em uma posição de alienação na língua, "sai aos pedaços" (L14).

No terceiro recorte discursivo, falar sobre a gagueira tem como efeito mais gagueira (L10). Leonardo me coloca na posição de quem lhe "cutuca a ferida" (L12), ao mesmo tempo em que ele próprio assume o seu "lugar de dizer" (o lugar em que é colocado na terapia), uma vez que ele se pergunta e responde a sua questão, em L11.

Em L13, associa o “freio” ao inconsciente, como se ao determinar este lugar, tornasse mais fácil a dinâmica de sua linguagem: o freio é algo inacessível e, nesse sentido, imutável. Assim, melhor permanecer submetido a ele, que lhe serve de termômetro para o discurso – não sai, ou sai aos pedaços.

A gagueira ocorre por “falta de confiança em determinada palavra ou frase”, diz Leonardo em L14 e L15. Provavelmente, são significantes já ditos, que tiveram como efeito a gagueira e que, por isso mesmo, “freiam” antes de serem novamente articulados ao discurso.

3.4.7. ELIANA, 26 ANOS

RECORTE DISCURSIVO ÚNICO

E1 - Olhe, hoje eu tô calma, mas basta eu chegar perto da senhora, que você, eu vejo em você uma sensação de paz, quando eu chego perto de você, eu sinto, sabe? Uma sensação de paz, uma tranqüilidade... Porque hoje, eu/eu/eu passei o dia é/é/é a/a/a/agitadíssima, sabe?

E2 - E sempre quando eu tenho um

dia assim, eu fico/eu fico meio gaga. E agora, não. Eu/eu, quando eu li, eu vi que eu li quase normal. Coisa que quando eu chego em casa, porque eu, é, o meu marido, ele é/ele é analfabeto. Então, ele, todo dia, ele quer que eu leia o j___ornal pra ele. Todo dia que eu leio, ele gosta muito e nunca, eu consigo ler, sabe, direito, sabe? É aonde eu, eu mais/eu mais/eu mais gaguejo, é quando eu tô lendo. É tanto que, às vezes, ele se aborrece e diz assim: tá bom, tá bom. Mas é porque eu acho que ele me/ele me/ me/me agita muito, sabe?

F1 - É?

E3 _É. Sempre, agora, quando eu vou ir falar com alguém, aí, eu páro assim, sabe? Aí, eu brigo comigo/comigo mesma, sabe? Penso assim: se eu falar , aí eu vou gaguejar... E às vezes, não falo mesmo. Mas, às vezes/às vezes/às

*vezes, aí eu falo mesmo, né? Aí, a**g**ora, eu respiro e aí, eu penso, sabe/eu penso, sabe? Eu penso/é eu penso, é, em você, aí... eu falo bem calmo... (neste momento, ela fala muito lentamente e não gagueja).*

F2 - Que coisa boa! (Risos)

E4 - (Risos)

F3 - Transmitir essa paz...

E5 - É mesmo, né? Tem gente, né? Tem gente que transmite essa paz.

F4 - É. Eu acho que... Como é o nível de cobrança dele em relação à você? Quando você lê prá ele? Ele fica te cobrando prá ler certo? Prá não gaguejar?

*E6 - Não/não, ele é, **q**uando eu tô lendo, sabe? Aí, eu **p**rocuro ler **d**ireitinho, sabe? Aí, aí, às vezes, é **p**orque, às vezes, eu tô lendo uma **c**oisa, sabe? Aí, ele diz assim: tá bom, tá bom.*

*E7 - Leia a**g**ora isso a**q**ui outro. Aí, eu sinto que é porque ele não **g**ostou*

*que eu **t**ava, né, com muita **d**ificuldade, sabe? Aí, ele já manda, né, eu ir prá ou/ou/ou/outra, prá outra/prá outra reportagem, sabe? E eu sou uma pessoa muito sensível, sabe? Pelas as/as__**p**equeninas **c**oisas, eu me machuco, sabe? Eu me magôo e às vezes, só em ele olhar assim, eu já fico magoada, sabe? Aí, eu já não leio mais nada, sabe?*

F5 - Ah, claro!

*E8 - Às vezes, raramente, é que eu leio **b**em, sabe? Aí, quando eu **t**ô junto dele, eu procuro ler s_____ **b**aixinho, às vezes, quando eu **t**ô vendo **q**ue eu/eu não vou ler uma/uma **p**alavra, eu passo por baixo, leio em cima, aqui, leio no meio... é que pra ele/ele/ele, não tá sabendo de onde/onde é que eu tô lendo, sabe?*

F6 - É. Ele não pode ler, né?

E9 - É. M___as é que ele/ele/ele

*não é uma **p**essoa que, quando eu tô **g**aguejando, ele fale/ele fale assim: "**P**aciência!" Ele nunca/nunca, oito anos de casada, ele disse: "**P**aciência! **P**are e depois você **c**ontinua!" Como os meus clientes dizem. Às vezes, quando eu **t**ô ex**p**licando um negócio, eles me ajudam, sabe? **Q**uando a **p**alavra é **d**ifícil, eles falam pra mim ou então, **d**izem assim: "Calma, calma, depois, você explica!" Gente mesmo estranha diz: "Calma, calma, Eliana! Você aqui não tem pressa! Fale com calma!" Mas ele não. Eu sinto que ele fica, sabe, ele fica/ele/ele/ele fica/ele fica...*

F7 - Ansioso?

*E10-Irritado. E também an/an/ ansioso. E a**q**uilo me deixa eu ainda mais ansiosa, e ainda mais irritada, Aí, pronto. E outra coisa: eu noto que eu s_____. S_____ó **g**aguejo mais quando eu tô **p**erto dele. **P**orque*

eu f____aço o esforço para eu falar bem, sabe? Eu f____alar direitinho, sabe? Aí, eu acho/eu acho que por aquela ansiedade, aí é que/aí é que eu gaguejo.

E11 - E outra coisa: os amigos dele, todos os amigos dele, s_____ó me chamam de "gaguinha", todos eles... Coisa que eu odeio, mas nunca eu deixei é/é/é... aparentar que eu não gosto, sabe? Quando eles falam: "Oi, gaguinha, tudo bom?" Eu falo: "Oi/oi, tudo bom?" Aí, aí, eu, eu, eu me esforço pra me provar a eles que eu não sou gaga.

E12 -Tenho vergonha, mas eu não ponho cara feia, nem deixo de responder. Eu levo na/na/na esportiva, embora eu fique com, com aquela mágoa dentro de mim, é, dentro de mim, sabe?

E13 - Mas eu às vezes, digo assim: "Os teus amigos não sabem/não sabem o meu nome não, é? Eu, é,

*fui/fui **b**atizada, eu tenho nome. Mas alguma vez eu digo isso. E também, eu acho que ele não liga muito, aí pronto... fico... mas, também, as ú/únicas pessoas que me chamam de "**g**aguinha" são os amigos dele.*

*E14- E eu nunca tive/nunca tive **c**omplexo. Ah! Isso aí eles dizem, **p**orque/porque eles não têm respeito pelo o ser/o ser/o ser humano e aquilo ali eu/eu/eu deixo. Nunca/ nunca me em**p**atou de eu arranjar emprego... Sempre eu tive vários. Quando eu era solteira, sempre eu tive vários namorados... nunca em**p**atou, eu **c**asei, tudinho...*

*E15 -Então, a gente nunca/nunca se entende. Ele **p**ensa de um jeito e eu penso de outro, embora eu aceite **t**udo o que ele faz, sabe? Eu nunca ajo por mim, eu sempre ajo por ele, sabe?*

F8 - Você sempre age por ele?

*E16 - É. É/É/É **p**orque eu f___aço*

*sempre o que/o que/o que ele **q**uer.*

Sabe?

O discurso de Eliana remete à ambigüidade entre *calma* e *agitação*. É interessante que era o nosso segundo encontro e Eliana refere a sensação de paz e tranqüilidade. A presença da fonoaudióloga a tranqüiliza, porque vai trabalhar com a gagueira, que a *agita*. Relata que o marido a agita muito (E2); a fonoaudióloga a acalma. Falávamos de paz e lembrei-me do marido que cobra...(F4). Em seu discurso, o marido a coloca em uma posição de sujeito agitado, que gera o efeito de mais gagueira – ela não consegue ler. Eliana lê para o marido, porque ele é analfabeto, mas, segundo ela, não é capaz de ler bem. Ela lê – ele não lê (aborrece-se e agita-a) – ela se aliena na língua ou é silenciada pela posição em que acredita ser colocada por ele.

Nos segmentos E2 e E6, Eliana acredita que necessita falar bem (e ler direitinho,) e que, para isso, é importante esforçar-se (E10), o que gera o efeito de gagueira. Nos momentos que antecedem o discurso, ela refere entrar em um conflito entre *falar* e não *falar* (E3). Acredito que este conflito seja o desequilíbrio existente entre fala e língua, onde a língua aprisiona a fala, neste caso.

Em E7, Eliana coloca o marido em uma posição de quem a *manda* substituir a reportagem, como se o fato de trocar uma por outra resolvesse a questão do "erro" no discurso. Nesta perspectiva, toda a problemática da gagueira estaria no texto. Eliana deve escolher a estratégia utilizada para adiar ou evitar a gagueira, mesmo que esta apenas confirme a sua gagueira, mas este é um movimento dela e não do marido. Parece que a auto-cobrança pela perfeição a domina de tal forma, que o fato de acreditar que o outro cobra (mais ainda do que ela) a magoa, sensibiliza-a, trazendo como efeito o silenciamento.

Em E8, Eliana está submetida à língua e, nesta alienação, sai em busca de posições que favoreçam o discurso: "lê baixinho, passa por baixo, lê em cima, no meio..." Neste percurso, a fala sofre um efeito de restrição, já que ela só é capaz de se manter no eixo metafórico. Ela tem a impressão de que o marido não percebe a sua manipulação, uma vez que é analfabeto. Caberiam aqui, duas considerações:

a) provavelmente, o marido de Eliana reconhece a sua alienação no dizer do outro, já que o discurso dela só aí encontra sentido – e, em seu discurso, ele *manda* que ela o substitua;
b) os subterfúgios utilizados por ela apenas reafirmam a sua gagueira, marcando suas dificuldades, submetendo-a cada vez mais apenas à língua.

Em F7, eu me antecipo a ela, falando em seu lugar. Além disso, não era esta (ansioso) a palavra que ela desejava dizer, como fica evidente em E10. Neste segmento, Eliana estabelece uma relação entre a intensificação

da gagueira e a cobrança – efeito da interpretação do outro (marido). O esforço para falar bem conduz à ansiedade/gagueira. Ela não está com o marido, mas fala sobre ele (relação metonímica com o co-texto) - neste momento, também gagueja muito.

Em E11, o apelido que os amigos do marido elegeram é a própria nomeação do seu problema. Eles a amarram ao significante *gaga*. Eliana refere odiar o apelido, mas não quer demonstrar qualquer sentimento de rancor. Neste sentido, aparentar indiferença pelo apelido + esforço para provar que não é gaga = manutenção da posição de sujeito gago.

Eliana cobra do marido o apelido cruel (E13) – agride-o/culpa-o pelos amigos desrespeitosos. O fato de ele não se incomodar com a nomeação, leva-a a não fechar o discurso: "aí, pronto... fico...

Em F8, estranhei e devolvi a sua fala, para deslocar a metáfora (*Eu nunca ajo por mim, eu sempre ajo por ele*!) que, acima de tudo, me gerou o efeito de choque, surpresa. Eliana desliza metonimicamente e me diz que não tem vontade própria. Seu desejo é o do marido (E15). Coloca-se, assim, em uma posição de dependência discursiva, uma vez que há um outro que determina seus espaços de locução (E7), fala por ela (E9), aponta suas supostas falhas (E11). Apesar disso, o marido solicita a sua atuação como sujeito-locutor (E2 e E7), colocando-a em uma posição de mais gaga. Em E15, Eliana registra em seu dizer o fato de encontrar-se submetida ao discurso do marido, o outro analista (ou inspetor?), que tem aí, a representação de língua), deixando escapar o sujeito de seu próprio discurso, vivendo e agindo (falando!) pelo/no outro.

3.4.8. MATEUS, 6 ANOS

RECORTE DISCURSIVO ÚNICO

M1 - Na escola é/é/é pior, porque/porque os meninos ficam falando tudo ao mesmo tempo, assim: oi, Mateus, oi, Mateus, oi, Mateus, ahn/ahn/ahn... eu fico nervoso, tentando é/é responder todo mundo ao mesmo tempo e aí, gaguejo.

F1 - Ah! Na escola, os meninos falam com você ao mesmo tempo e por isso, fica difícil falar ...

M2 - É. E aí/e aí quando eu chego em casa, eu também gaguejo, porque aí já tô acostumado... tô tão cansado com a escola que/que/que aí também gaguejo em casa.

F2 - Sei. Você continua gaguejando em casa, porque ainda tá cansado de gaguejar na escola. Gaguejar cansa?

M3 - Cansa. Mas eu gaguejo mais

*na escola. É mais **c**omum gaguejar na escola.*

F3 - Você acha que faz força pra falar?

*M4 - Eu falo **c**omum, só que é **c**omum mais na escola.*

*F4 - **C**omum? (Estranho e devolvo a fala de Mateus)*

M5 - Acontece isso quando eu gaguejo.

*F5 - É? Nessa palavra **c**omum, o que que aconteceu?*

M6 - Num sei...

F6 - Ela ficou presa?

M7 - Hum, hum...

F7 - Ela ficou presa aonde?

M8 - (mostra o pescoço)

*F8 - Na garganta? E o que é mais fácil? A gente falar comum ou **c**omum?*

M9 - Comum.

F9 - É. E quem é que manda na palavra que sai?

M10 - Eu.

*F10 - Então, quando sai **c**omum, quem fez força?*

M11 - Eu.

F11 - É. Por algum motivo que a gente vai descobrir qual é, você fez uma força pra falar. Porque olha só: se você não faz força, o que acontece?

M12 - Aí, num gagueja.

F12 - Num gagueja mesmo. Ou só de vez em quando, porque às vezes , tem uma palavra difícil que a gente num tá acostumado e aí, a gente gagueja. Todo mundo gagueja de vez em quando, né?

M13 - Às vezes, eu vou falar casa e lápis e eu gaguejo de vez em quando.

F13 - Pois é. Agora, você falou casa e lápis e não gaguejou.

*M14 - É. Agora, eu num gaguejei, mas às vezes, sai **c**asa.*

F14 - Ah! É. Se você prender a língua lá em cima (mostro o ponto

*articulatório do /k/), aí, gagueja. Quer ver? Tenta fazer: **c**asa.*

*M15 - **C**asa... **c**asa. (risos). É. Gagueja.*

F15 -Tá vendo? A gente agora tá gaguejando de brincadeira e também tá percebendo o que que a gente faz quando gagueja de verdade. Você já tinha feito isso: gaguejar de brincadeira?

M16 - Já. Ontem, quinta-feira...

F16 - É mesmo? Quer dizer que às vezes, você gagueja de brincadeira? Pra quê?

M17 - É. Pra eu saber como é a gagueira de verdade.

No discurso de Mateus, gaguejar cansa (M2). Ele associa o fato de muitos colegas falarem ao mesmo tempo ao “nervosismo” e este à gagueira (M1). A posição da família é uma continuidade da escola: já está cansado – fica nervoso – gagueja.

Quando responde a minha pergunta, em F3 (se faz esforço para falar), Mateus se refere a “falar comum”. *Comum*, neste caso, tem o sentido de *gagueira*, uma vez que há um bloqueio nesta palavra e ele relata falar *comum* mais na escola, que é o local onde mais gagueja. Logo, gaguejar é *comum* e é mais *comum* na escola (gagueja mais na escola).

A partir daí, procuro realizar uma brincadeira com ele, procurando levá-lo ao reconhecimento do som tenso, bloqueado e de como ele pode *gaguejar* onde desejar.

Em F4, mostro estranhamento e lhe devolvo a fala (***c**omum).* Em M5, ele se desloca, na medida em que percebe o erro, nomeando a gagueira. Apesar disso, não metonimiza, descrevendo o bloqueio. Concorda que a palavra fica presa (em M7) e localiza a tensão (M8). Em F8 e F11, comparo a fala fluente à gaguejada, marcando a ausência de esforço na fluência, relacionando gagueira à força, que parece ter sido identificado por ele, em M12. Em F12, falo da gagueira natural, propondo romper o ineditismo da sua própria gagueira.

Procuro caminhar neste percurso, brincando de gaguejar com Mateus. Penso que esta é uma possibilidade de mudança no funcionamento discursivo, uma vez que a criança pode transformar a alienação na língua em uma tensão natural entre língua e discurso, na medida em que descobre que pode brincar com sons e palavras, tornando-os mais fortes ou fracos, prolongando-os, tensionando-os ou não, variando a intensidade e altura da voz, enfim, conhecendo a sua própria capacidade de linguagem.

O trabalho fonoaudiológico no funcionamento discursivo leva à descoberta das possibilidades de linguagem, transforma a noção de erro, assegura o desenvolvimento da linguagem, na tensão entre fala e língua, no deslizamento dos dois eixos da linguagem: os processos metafóricos e metonímicos, ou, sob a ótica da AD, os processos polissêmicos e parafrásticos, na tensão entre o novo e o antigo, o plural e o singular.

3.5. Marcando as propriedades discursivas... a relação do discurso com a exterioridade:

> *"Não é suficiente retirar a máscara para que o homem apareça. Pois, atrás da máscara, há outra máscara, a que nos permite ver o outro discurso"* (Chavreul, J. *apud* Millan, 1990: 69-70)

No confronto dos discursos dos oito sujeitos estudados, ou seja, através da análise da interdiscursividade, procurei realizar uma análise das propriedades discursivas, recortando as semelhanças, diretamente relacionadas à exterioridade. Identifiquei seis propriedades discursivas, que passo a explorar mais adiante.

PROPRIEDADES DISCURSIVAS:

1. Há algo que anuncia a gagueira... as metáforas de *língua*...

2. Há algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente (previsto e certo)... antes que ganhe visibilidade na interpretação...

3. Há posições discursivas geradoras da gagueira...

   a) A própria língua...
   b) O outro em determinada posição...
   c) O telefone... o outro imaginário...

4. Há posições discursivas geradoras de fluência...

5. Há alguém que se coloca na posição de intérprete (ou falante?) do discurso do sujeito gago, tomando-lhe a voz, diante da certeza do equívoco...

6. Há um desequilíbrio na tensão fala e língua, onde o sujeito gago mantém-se no eixo da língua, ou é silenciado pela posição que considera ser colocado pelo outro...

3.6. Confrontando os discursos dos sujeitos (interdiscursividade) a partir da análise das propriedades discursivas:

3.6.1. Há algo que anuncia a gagueira... as metáforas de *língua*...

Há algo que indica ao sujeito que se ele falar, gaguejará. No discurso de Helena, o "estalinho" tem este propósito, conduzindo-a a um "círculo vicioso". Escutar o "estalinho" tem como efeito a gagueira. A partir daí, segundo ela, fica "propensa a gaguejar sempre". No discurso de Leonardo, o "freio" tem esta função. O freio grande impede totalmente a fala, silenciando-o; o freio pequeno prevê a gagueira, levando-o a falar "aos pedaços". Neste sentido, o "estalinho" de Helena e o "freio" de Leonardo podem ser considerados metáforas de *língua*, esta sim, gerando um efeito de restrição na fala.

3.6.2. Há algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente (previsto e certo)... antes que ganhe visibilidade na interpretação...

Para o gago, há um significante que anuncia a chegada da gagueira. Diante do que o sujeito considera inevitável, a única possibilidade de materialização de um discurso fluente e, como tal, não sujeito à interpretação da forma, é a colocação de algo (um significante diferente) no

lugar do erro que certamente viria. Neste caso, ele pode manter-se no eixo da linguagem, ou fugir do discursivo. Em ambos os casos, há um efeito de ratificação da gagueira, uma vez que o sujeito confirma para ele próprio a sua impossibilidade, colocando-se, por anterioridade, na posição de gago – não consigo dizer *x*, logo, digo *y*; não consigo dizer *x*, logo, realizo um movimento corporal para poder dizer *x*. Nesta perspectiva, permanece impossibilitado de dizer *x*, em uma posição de silenciamento, neste caso, silenciado por ele próprio.

No discurso de Helena, o "velho alô nunca sai". Assim, opta por substituí-lo por "pronto" ou "pois não", permanecendo no discursivo, da mesma forma que evita dizer "seis", trocando-o por "meia". Considera que há palavras que, de antemão, tem a certeza de que não conseguirá dizer e, nestes casos, coça o nariz, aperta as mãos, batuca na mesa. Utiliza estratégias, que parecem ter a função de canalizar a tensão trazida pela língua (que anuncia a palavra que será gaguejada) para uma determinada parte do corpo, deixando escapar o discursivo.

Júlio mantém rígido controle de sua fala. Não é nomeado de gago pelo ouvinte, que, certamente, não o identifica como tal. Caminha em seu discurso, submetido ao eixo da língua, que lhe sinaliza as possíveis falhas. Ao necessitar falar "viaduto", desconhece um sinônimo e aliena-se na língua, "arrodeando" (J1) o dizer. Enquanto tenta passar a informação que lhe é solicitada freqüentemente, uma vez que é guarda de trânsito e trabalha nas proximidades de um viaduto, evita necessariamente esta palavra (já que dizê-la tem como efeito o erro), mas, sem outra para colocar

em seu lugar, sua fala permanece à deriva. Neste caso, é o outro quem deverá fechar o seu discurso.

No discurso de Eliana, é o marido quem decide indicar-lhe o momento da gagueira e o que colocar no lugar do possível erro, "mandando-a substituir a reportagem". Diante disso, ela "se magoa, sensibiliza-se", porque, afinal, ele não é o sujeito da linguagem dela, não lhe cabendo, portanto, definir quais são os melhores caminhos... No segmento E8, Eliana caracteriza a manipulação, agora realizada por ela própria, no discurso (no marido?): ler baixinho, ler por baixo, ler em cima, no meio... Relata ainda respirar e pensar na fonoaudióloga, o que traz como efeito metonímico a "fala calma".

3.6.3. Há posições discursivas geradoras da gagueira...

3.6.3.1. A própria língua...

Helena utiliza estratégias variadas para evitar a gagueira. Em seu discurso, é marcada a dificuldade com a língua. O "alô que nunca sai" é substituído por "pronto!", "pois não!"; "seis e cinqüenta" se transforma em "meia-cinco-zero". Relata ter retirado palavras do vocabulário e descreve o que faz quando começam com "p", "f", "v": substitui, disfarça, coça o nariz, aperta as mãos... ou desiste de falar.

Ao perceber que a palavra “terça-feira” estava bloqueada, Carolina larga o telefone e a ensaia várias vezes. Ao final, não escuta ninguém, só repete, automaticamente, a palavra ensaiada.

Robson mantém o discurso da língua: o “f” é difícil, o “m”, o “n”... Ele pára de me escutar, porque só consegue estar atento a este eixo. O sentido se esvai, enquanto ele ouve apenas a sua própria língua...

Júlio mantém rígido controle da língua, mas nem por isso deixa de estar submetido à ela. Na impossibilidade de encontrar um sinônimo para uma palavra, sua fala fica à deriva. Não bebe jamais, porque se o fizer, perderá o suposto *controle*.

Leonardo não lista significantes que, de antemão, sabe que gaguejará, mas se encontra submetido ao “freio”, metáfora de língua. Quando ele (eles!) ocorre(m) silencia ou aliena-se na língua.

O discurso de Eliana tem o sentido de uma *briga solitária* para falar bem. O efeito do conflito é: falar gaguejando ou ser silenciada. Junto ao marido, utiliza estratégias variadas para evitar manter-se no eixo da língua.

Mateus tem dificuldade em lidar com os colegas da escola, que falam ao mesmo tempo. Este fato, provavelmente, gera o efeito de desequilibrar a tensão entre fala e língua.

3.6.3.2. O outro em determinada posição...

A bebida tem efeitos diferentes nos dois sujeitos que se referem a ela. Para Robson, o outro (metáfora de *língua*) o interpreta como gago e, quando bebe, "fala, fala, fala" e não gagueja (não enxerga o outro!). Júlio tem certeza de que o outro não o vê como gago – apenas ele próprio se amarra a esta posição. Neste caso, não ousa beber, porque sabe que gaguejará. Mantém um controle bastante intenso do que pode ser dito e, se beber, o efeito de descontrole causado pela bebida o deslocará da cristalização no eixo da língua, cuidadosamente mantida a cada discurso e ele gaguejará, supostamente perdendo o controle. O efeito da língua em Robson é dado pelo outro, que é compreendido por ele como alguém que o nomeia "gago". O outro, em Júlio, não detém a interpretação dele como gago. É a própria *língua* que traz como efeito a gagueira dele. Júlio funciona, imaginariamente, colocando-se como gago e como alguém que detém um controle da gagueira.

Helena interpreta o outro como encontrando-se na posição discursiva de quem espera por sua gagueira. Para satisfazer o outro que, no seu discurso, está só esperando que ela gagueje, permanece gaguejando, "representando papéis" (H5), em uma posição de personagem de outros discursos, já ditos, apagando-se como sujeito. Anzieu, A.(1998) considera que o sujeito gago "parece fazer *com que*

desejem a sua fala prometendo-a aos pedacinhos, e isso só resulta na insatisfação do interlocutor" (*ibidem*:164, grifo da autora).

No discurso de Carolina, o outro desconhecido assusta-a, uma vez que ela "não conhece a reação dele, se está rindo ou impaciente" (C1/C2). O outro, na posição discursiva de sujeito estranho a ela, traz como efeito a vergonha e o silenciamento (C2/C3).

Bruno, em seu discurso, considera que os amigos prendem-no ao significante "gago", bastando para isso "abrir a boca" (B5). Neste caso, prefere mantê-la fechada, apesar da vontade de falar, de contar uma piada, de ser como os amigos. É silenciado pelo sentido que o outro tem para si: uma metáfora da *língua*, o *senhor* de seu discurso.

No discurso de Eliana, o outro tem o efeito de "agitá-la" (marido) ou "acalmá-la" (fonoaudióloga), de determinar seus turnos de fala (E7), interpretar o seu discurso, falando por ela (E9) e de silenciá-la (E7). Desta forma, o outro é onipotente, podendo dispor de sua linguagem como desejar. O outro a domina, apropriando-se do seu dizer (dela mesma!), que relata não agir por si, apenas por ele (E15), parecendo dispensar a sua própria vontade e, assim, a sua fala. Aliena-se numa língua solitária, sem fala para agir, permanecendo submetida a este eixo, onde o outro tem semelhante sentido.

Mateus atribui ao outro (colegas da escola) a responsabilidade de sua gagueira, uma vez que os colegas falam ao mesmo tempo com ele, o que lhe gera um efeito de "nervosismo" / gagueira (M1).

Isto lhe "cansa" tanto que permanece gaguejando em casa – é vencido pelo cansaço!

3.6.3.3. O telefone... o outro imaginário...

O falar ao telefone é uma posição discursiva que potencializa a gagueira, uma vez que o sujeito do outro lado da linha não é sujeito em si, mas o que o outro imagina que ele seja – alguém (não visualizado) que atua nas formações imaginárias do sujeito, que passa a lhe adivinhar as feições e pensamentos, a quem também atribui a imediata nomeação de "gago", tão logo atenda o aparelho.

O telefone aparece no discurso de Helena como "situação de risco", iminência de perigo e conseqüente certeza prévia do equívoco, o que lhe traz como efeito a colocação de algo neste lugar de possível erro, já discutido na segunda propriedade discursiva.

No discurso de Carolina, o telefone é especialmente marcado como uma posição discursiva que a leva à alienação na língua ou ao silenciamento. Carolina necessita agir de forma concreta: dividir o aparelho telefônico (assim como é dividida, no seu caso, a tensão natural entre fala e língua...), efetivamente separando bocal e receptor. Carolina externa na ação de falar a divisão que se opera entre ouvir e falar. Promove uma ruptura entre o momento de ouvir e

o momento de falar. Ou falar, ou escutar. Ou só falante, ou só ouvinte...

No dizer de Leonardo, a divisão do telefone diz respeito à questão: quem é o sujeito da ligação? Se não for ele, então falar é possível, já que o "interesse" não é dele – ele deve apenas responder à demanda do outro. Se é ele o sujeito, então não há possibilidade de linguagem, uma vez que necessitaria convidar alguém a escutá-lo. Como pode Leonardo convocar um sujeito a ouvi-lo, se encontra-se submetido ao freio (*língua*), que traz, indubitavelmente, o efeito de alienação na língua (freio pequeno) ou o de silenciamento (freio grande)? Em seu discurso, o outro, convocado por ele, nada tem a dizer, deseja ouvir. Como é possível, então, que o outro (seu convidado) escute uma fala "aos pedaços" ou não dita?

3.6.4. Há posições discursivas geradoras de fluência...

No discurso de Carolina, falar com a família é mais fácil – o outro conhecido tem como efeito, fluência. Para Eliana, pensar na fonoaudióloga e falar calmamente, são condições de fluência. Júlio pode falar com quem quiser, fluentemente, desde que mantenha um programa de controle. Para que isto ocorra, não deve beber. Já Robson, quando bebe, "fala, fala, fala". Isto se dá porque o efeito da bebida o leva a não se manter submetido à língua.

Há outras situações de fluência[15] descritas por Van Riper (1982), como: falar sozinho, falar com animais, falar com bebês ou crianças pequenas, ler alto sozinho (nestes casos, a justificativa para a fluência seria a ausência de ouvinte ou a impossibilidade de se sentir nomeado de "gago" por eles), cantar, recitar poesias, imitar um dialeto regional ou estrangeiro (o ritmo favorece a fluência), emitir seqüências automatizadas, como seriações, interjeições, palavrões... (a linguagem elaborada é que conduz o sujeito ao desequilíbrio da tensão entre fala e língua).

3.6.5. Há alguém que se coloca na posição de intérprete (ou falante?) do discurso do sujeito gago, tomando-lhe a voz, diante da certeza do equívoco...

Ao desejar comprar algo (C2), Carolina se coloca na posição de interpretada pelo outro que, por sua vez, assume a posição de sujeito de seu discurso. Desta forma, o seu dizer é metonimizado pela amiga, que lhe empresta a voz, e Carolina é amarrada, pela vendedora, ao significante "muda".

---

15 . Sobre este assunto, ver Van Riper, C. The nature of stuttering. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, Inc., 1982.

Leonardo convoca a mãe a solicitar a informação que foi, previamente, sugerida a ele. Houve a intenção de abordar alguém na rua, que pudesse orientá-los quanto ao local onde se encontravam, chegando, inclusive, a abrir o vidro do carro, disposto a perguntar a alguém. Neste momento, ocorre o "freio" e Leonardo se percebe incapaz de falar. A única saída, ao ser silenciado pelo freio (língua / outro) é colocar-se na posição de interpretado pelo outro, dono de um dizer sem freio que pode, enfim, revelar seu dizer, sua fala silenciada...

3.6.6. Há um desequilíbrio na tensão fala e língua, onde o sujeito gago mantém-se no eixo da língua, ou é silenciado pela posição que considera ser colocado pelo outro...

Em todos os sujeitos da pesquisa, observa-se um desequilíbrio entre fala e língua, onde a língua assume o sentido de uma contenção, submetendo o sujeito à rigidez do seu eixo.

O sujeito falante mantém-se em uma tensão necessária entre língua e fala. O sujeito gago aguarda a situação de locução como um momento de grande dificuldade. A língua passa a governar o seu dizer, seja sob o som antecipado do *estalinho* de Helena, a percepção de intensidades de *freios* diferentes de Leonardo, a *mudez* de

Carolina na loja, a cristalização nos *significantes* de Robson, os *ensaios silenciosos* de fala com os amigos, realizados por Bruno e Robson, o *controle* rigoroso de cada palavra dita por Júlio, a *briga solitária* de Eliana diante da possibilidade de falar e o *nervosismo* de Mateus, ao tentar responder aos colegas que falam ao mesmo tempo.

O desequilíbrio existente entre fala e língua não permite que o sujeito gago deslize no seu dizer. Enquanto permanece submetido à língua, ele se aliena neste eixo ou é silenciado pelas condições de produção.

CONCLUSÃO

O estudo da gagueira, tal como é significada no discurso de mães de crianças ditas gagas e de sujeitos gagos, me conduziu a uma série de reflexões. Da literatura fonoaudiológica, destaquei cinco autores, identificando a corrente epistemológica a que estão filiados, para interrogar-lhes sobre o sujeito e a linguagem, excluídos de suas perspectivas teóricas pelo privilégio dado a determinados aspectos da patologia. O Projeto Interacionista em aquisição de linguagem foi o caminho escolhido para refletir sobre a origem da gagueira como efeito discursivo da interpretação. A teoria da Análise do Discurso de linha francesa permitiu-me a apreensão de uma visão ideológica do discurso, conjugando os construtos teóricos de três regiões do conhecimento: o Materialismo Histórico, a Lingüística e a Psicanálise. Em minha dissertação, a AD foi teoria e procedimento - base para o meu estudo sobre a gagueira.

O fato de não haver identificado estudos que contemplassem a gagueira sob a ótica da linguagem, impeliu-me a esta tarefa: compreender esta patologia como um problema discursivo.

Três aspectos foram inicialmente destacados: a origem da gagueira, o lugar da gagueira e a oposição fala e língua. Sobre a **origem**, recorri à teoria Interacionista em aquisição de linguagem que procura contrapor os processos metafóricos e metonímicos à visão desenvolvimentista da psicologia. Observa-se que na primeira posição, a criança encontra-se circunscrita à fala do outro; na segunda posição, a criança já é um falante

submetido ao movimento da língua (é quando ela fala *brinqui,* porque existe *caí*, por exemplo); na terceira posição, configura-se um deslocamento do sujeito falante em relação à sua fala e à do outro - é o momento das auto-correções, substituições e do seu efeito no outro, que a toma como gagueira. Acredito que este seja um lugar interessante para se pensar a origem da gagueira, uma vez que o adulto, ao interpretar a fala da criança como gaguejada, utiliza um discurso predominantemente autoritário, com solicitações que não a situam em direção à superação, como: fale devagar!; respire fundo!, por exemplo, o que impede a criança de identificar o *erro* dentro de um espaço discursivo definido, ou seja, a criança reconhece a existência do erro, mas como não o identifica, é incapaz de movimentá-lo em seu discurso. Penso que se o estranhamento da família em relação à linguagem da criança fosse significado e circunscrito discursivamente, ela poderia reconhecer o *erro,* deslocar-se e, finalmente, **assemelhar-se à fala do outro.**

O segundo aspecto evidenciado neste trabalho é o **lugar da gagueira**. Os sujeitos gagos analisados por mim identificam a gagueira como estando neles próprios, no outro, na língua, ou no telefone (outro imaginário). Compreendendo a gagueira como um problema de linguagem, ela não estará em nenhum destes lugares, mas no espaço intervalar, no espaço do discurso, em uma relação direta com as condições de produção e a exterioridade. Neste espaço, a gagueira acontece pelas formações imaginárias, onde se apresentam a relação de forças (o lugar a partir do qual o sujeito fala constitui o seu dizer), a relação de sentido

(intertextualidade) e a antecipação (capacidade de colocar-se no lugar do seu ouvinte). A antecipação, especificamente, é nitidamente observada nos discursos analisados, uma vez que o sujeito gago relata acreditar que o outro espera pela sua gagueira, critica a sua fala, ou ri da sua falha.

O terceiro ponto que considero importante retomar, nesta conclusão, é o da **oposição fala e língua**. Há uma tensão natural entre fala e língua, sempre que há um discurso. Isto é explicado pelo fato de a língua ser um sistema abstrato, fechado em si mesmo. Logo, falar implica sempre na possibilidade de errar, gaguejar, selecionar um significante inesperado. A linguagem é constituída por falta e incompletude. Como um discurso só faz sentido no dizer do outro, é este quem reorganiza o dizer do sujeito. No gago, essa tensão parece transformar-se em oposição. Não compreendendo esta dinâmica fundante, ele se aliena na língua e, nas tentativas de falar bem o "p", o "f", o "m", a fala se perde, fica à deriva. Todo funcionamento de linguagem é regido pela tensão entre os processos metafóricos e metonímicos, neste caso, seleção e combinação, respectivamente. Na Análise de Discurso, a ênfase é nos processos parafrásticos e polissêmicos, o mesmo, o antigo, o estável, o já dito, a matriz de sentido do primeiro, contra o diferente, o novo, o deslocável, o a ser dito, a fonte de sentido, do processo polissêmico. É nesta tensão entre os processos que "sujeitos e sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam" (Orlandi, 2000:36) e, especialmente, porque "a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao significar, se significa" (*op.cit.*:37).

Na análise discursiva de mães de crianças ditas gagas e dos sujeitos com gagueira, identifiquei e analisei propriedades discursivas.

Nos procedimentos de análise, procurei considerar a noção de funcionamento discursivo como central, ancorando minhas observações nos mecanismos de constituição de sentidos, nas paráfrases e nos efeitos metafóricos.

> *"É nesse lugar, em que língua e história se ligam pelo equívoco, lugar dos deslizes de sentidos, como efeito metafórico, que se define o trabalho ideológico, o trabalho da interpretação. Como esse efeito que constitui os sentidos constitui também os sujeitos, podemos dizer que a metáfora está na base de constituição dos sentidos e dos sujeitos" (Orlandi, 2000:81).*

Outras noções privilegiadas em minhas análises foram as de alienação na língua e silenciamento. Penso que o primeiro conceito já foi explicitado, quando me referi à oposição entre fala e língua, em que o sujeito gago aparece *colado* à língua. A concepção de silenciamento, onde "uma palavra apaga outras palavras - para dizer é preciso não dizer: se digo *sem medo* não digo *com coragem*" (Orlandi, 2000:83), parece diretamente relacionada ao discurso do sujeito gago, que é silenciado pelas condições de produção.

Com relação à tipologia, os discursos dos sujeitos analisados sobre suas situações de linguagem com seus interlocutores parecem indicar a predominância do discurso autoritário, onde há uma contenção da polissemia, com o apagamento do referente. O locutor é o único agente, o que conduz ao silenciamento do interlocutor/sujeito gago. Este parece ser

o funcionamento discursivo dos sujeitos gagos analisados nesta dissertação, em relação a suas determinações sócio-históricas e ideológicas.

Espero que esta pesquisa contribua para iluminar os estudos sobre a gagueira, uma vez que lança uma nova perspectiva de se olhar este distúrbio: a ótica discursiva, que inclui, necessariamente, o sujeito e a linguagem em sua abordagem e vê a gagueira como um lugar de subjetivação discursiva. Penso que o avanço desta pesquisa é a reflexão sobre a gagueira sob o aporte teórico discursivo e a possibilidade terapêutica na mesma linha. A prática tende a ser uma prática teórica, ou seja, uma prática onde a teoria se dá a ver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, C.R.F. Programa fonoaudiológico de avaliação das gagueiras Infantis. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, ano 2, Suplemento 1, p.61-66, nov. 1998.a.

_____. Programa fonoaudiológico de triagem das gagueiras Infantis. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, ano 2, Suplemento 1, p.67-73, nov. 1998.b.

_____ . *Diagnóstico e intervenção precoce no tratamento das gagueiras infantis*. Carapicuíba, SP: Pró-Fono, 1999.

ANZIEU, A. In: ANZIEU, D. et al. *Psicanálise e linguagem: do corpo à fala*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. São Paulo: Nova Fronteira, 1990.

BOWERMAN, M. Reorganizational processes in lexical and syntatic Development. In: WANNER & GLEITMAN. *Language acquisition: the state of the art*, 1982.

BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

CARVALHO, G. M. M. Levantamento de questões sobre o erro em aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.30, nº 4 p.137-143, 1995.

CASTRO, M.F.P. Ainda a negação: questões sobre a interpretação. *Cad. de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v.29, p.27-38, Jul./Dez., 1995.

CHAVREUL, J. *apud* MILLAN, B. *A clínica fonoaudiológica: reflexões sobre a questão das crianças com fissuras lábio-palatinas*. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) - PUC – SP, 1990.

CUNHA, M.C.; GOMES, R.E.O. Fonoaudiologia e psicanálise: uma reflexão sobre a gagueira e o inconsciente. In: PASSOS, M.C. (org.) *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo: Plexus, 1996.

FREIRE, R.M. O diagnóstico nas alterações da linguagem infantil. São Paulo, 2000 (Mimeogr.).

FRIEDMAN, S. *Gagueira: origem e tratamento*. São Paulo: Summus, 1986.

_____ . *A construção do personagem bom falante*. São Paulo: Summus, 1994.

FRIEDMAN, S. Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira. In: PASSOS, M.C. (org.) *Fonoaudiologia: recriando seus sentidos*. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

_____. Gagueira. In: Lopes, O. (Org.). *Fonoaudiologia Prática*. Cap. 44, São Paulo: Editora Roca, 1997a.

_____. Fonoaudiologia e lingüística: encontros e desencontros. Mesa Redonda apresentada no Programa de Pós-graduação em Fono-audiologia, PUC-SP, 1997b. (Mimeogr.).

HUSSERL, E. A idéia da fenomenologia, In: *Textos Filosóficos*, Viseu: Tipografia Guerra, 1986.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia, In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LEMOS, C.T.G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*. p.121:129, 1992.

_____ Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 30, nº 4, p.9-28, 1995.a.

LEMOS, C.T.G. Corpo e linguagem. Apresentado no Simpósio Corpo-mente, uma fronteira móvel, São Paulo, 1995.b (Mimeogr.).

_____ Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna, São Paulo, 1999 (Mimeogr.).

LEMOS, M.T.G. A fala da criança como interpretação. *Cad. de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v.29, p.17-26, Jul./Dez., 1995.

MANNONI, M. *A criança, sua doença e os outros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MEIRA, M.I.M. *Gagueira: do fato para o fenômeno*. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. Gagueira: um caso clínico. *Revista Fono Atual*, nº 11, p.8-14, 2000.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

MILNER, J.C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *Terra à vista! Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. O lugar das sistematicidades lingüísticas na Análise de Discurso. *D.E.L.T.A.*, vol.10, nº 2, p.295-307, 1994.

_____. *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

PANHOCA, I; CAMARGO, E.A.A.; SOARES, F.M.R.S.; BARROS, R.C.B., Para falar de gagueira. In: LACERDA, C.B.F.; PANHOCA, I. *Tempo de Fonoaudiologia III*. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 2000.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*.Tradução Eni Orlandi, Campinas, SP: Pontes, 1990.

RUBINO, R. Entre ver e ler: o olhar do fonoaudiólogo em questão, In: VITTO, M.F.L. (Org.) *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

SCARPA, E.M. Sobre o sujeito fluente. *Cad. de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v.29, p.163-184, Jul./Dez., 1995.

VAN RIPER, C. *The nature of stuttering*. 2 ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1971.

_____. *Speech Correction: principles and methods*. 5 ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1972.

_____. *The treatment of stuttering*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1973.

_____. *The nature of stuttering*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1982.

VEYNE, P. *A elegia erótica romana*. São Paulo: Brasiliense, 1985 *apud* LEMOS, C.T.G. Corpo e linguagem. Apresentado no Simpósio *Corpo-mente, uma fronteira móvel*, São Paulo, 1995.b (Mimeogr.).

VITTO, M.F. Língua e discurso: à luz dos monólogos da criança. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 30, nº 4, p.45:56, 1995.

VIEIRA, C.H. "O sujeito entre a língua e a linguagem", In: Série Linguagem, nº 2, (63-70), 1997.

ANEXOS